

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

LUÍSA SARAIVA BENTO

**DIPLOMACIA PÚBLICA ESTADUNIDENSE ATRAVÉS DE INTERCÂMBIOS
EDUCACIONAIS:
IMPACTO DOS PROGRAMAS JOVENS EMBAIXADORES E STUDENT LEADERS**

Porto Alegre

2015

LUÍSA SARAIVA BENTO

**DIPLOMACIA PÚBLICA ESTADUNIDENSE ATRAVÉS DE INTERCÂMBIOS
EDUCACIONAIS:
IMPACTO DOS PROGRAMAS JOVENS EMBAIXADORES E STUDENT LEADERS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dra. Sonia Maria Ranincheski

Porto Alegre

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Saraiva Bento, Luísa

Diplomacia Pública Estadunidense Através De Intercâmbios Educacionais: Impacto Dos Programas Jovens Embaixadores e Student Leaders / Luísa Saraiva Bento. -- 2015.
66 f.

Orientadora: Sônia Maria Ranincheski.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Curso de Relações Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Estados Unidos. 2. Soft Power. 3. Diplomacia Pública. 4. Programas de intercâmbio. I. Ranincheski, Sônia Maria, orient. II. Título.

LUÍSA SARAIVA BENTO

**DIPLOMACIA PÚBLICA ESTADUNIDENSE ATRAVÉS DE INTERCÂMBIOS
EDUCACIONAIS:
IMPACTO DOS PROGRAMAS JOVENS EMBAIXADORES E STUDENT LEADERS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, 11 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Dra. Sonia Maria Ranincheski – Orientadora
UFRGS

Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro
UFRGS

Prof. Dr. Luis Gustavo Mello Grohmann
UFRGS

*"Educational exchange can turn nations into people,
contributing as no other form of communication can to
the humanizing of international relations."*¹

(J. William Fulbright)

¹ Intercâmbios educacionais conseguem transformar nações em pessoas, contribuindo como nenhuma outra forma de comunicação é capaz para a humanização das relações internacionais.

RESUMO

Essa pesquisa tem como tema a conexão existente entre os conceitos de soft power, diplomacia pública e diplomacia cultural e programas de intercâmbio educacionais. O objetivo desse trabalho é avaliar como dois programas de intercâmbio financiados pelo governo estadunidense - o programa Jovens Embaixadores e o programa *Study in the U.S. Institutes for Student Leaders*-, servem à diplomacia pública dos Estados Unidos e contribuem para a geração de soft power. Utilizando um *survey* aplicado aos alumni desses dois programas são analisados dados quantitativos e qualitativos a respeito do impacto gerado por esses programas nas percepções dos indivíduos a respeito dos Estados Unidos e do Brasil. Os resultados de programas de intercâmbio desse gênero tendem a alterar o comportamento e a percepção dos jovens em relação aos Estados Unidos (país anfitrião), ocasionando em repercussões na imagem internacional do país, e servindo, assim, para a sua diplomacia pública.

Palavras-chave: Estados Unidos; Programas de intercâmbio; Diplomacia pública; Soft power; Survey.

ABSTRACT

This research theme is the connection between the concepts of soft power, public diplomacy and cultural diplomacy and educational exchange programs. The aim of this study is to evaluate how two programs funded by the US government, the Young Ambassadors program and Study in the US Institutes for Student Leaders program serve the U.S. public diplomacy and contribute to the generation of soft power. Using a survey applied to alumni of these two programs are analyzed quantitative and qualitative data on the impact generated by these programs in the perceptions of individuals about the United States and Brazil. The results of this kind of exchange programs tend to change the behavior and perceptions of young people toward the United States (host country), resulting in an impact on the international image of the country and thus serving its public diplomacy.

Key words: United States; Exchange programs; Public Diplomacy; Soft power; Survey.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	POLÍTICA GOVERNAMENTAIS DE SOFT POWER: DIPLOMACIA PÚBLICA E CULTURAL.....	17
2.1	A DIPLOMACIA PÚBLICA	17
2.2	A DIPLOMACIA CULTURAL	24
3	INTERCÂMBIOS EDUCACIONAIS: SOFT POWER E FERRAMENTAS DA DIPLOMACIA PÚBLICA E CULTURAL	27
3.1	A VALIDADE DOS INTERCÂMBIOS EDUCACIONAIS COMO INSTRUMENTOS PARA A GERAÇÃO DE SOFT POWER.....	27
3.2	HISTÓRICO DA DIPLOMACIA PÚBLICA ESTADUNIDENSE ATRAVÉS DE INTERCÂMBIOS	32
3.3	A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL POR TRÁS DOS INTERCÂMBIOS EDUCACIONAIS	35
4	ANÁLISE DE PROGRAMAS DE INTERCÂMBIOS DOS ESTADOS UNIDOS: O IMPACTO DOS PROGRAMAS EM INDIVÍDUOS BRASILEIROS	38
4.1	O ESTUDO DE WATSON E LIPPITT: A BASE PARA A ANÁLISE DE IMPACTO PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO EM INDIVÍDUOS.....	38
4.2	OS PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO JOVENS EMBAIXADORES E O <i>STUDY IN THE U.S. INTITUTES (SUSI) FOR STUDENT LEADERS: HISTÓRICO.</i>	42
4.2.1	O Programa <i>Study in the U.S. Institutes for Student Leaders</i>	43
4.2.2	O Programa Jovens Embaixadores	46
4.3	IMPACTO DOS PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO: RESULTADOS DO <i>SURVEY</i> APLICADO AOS JOVENS EMBAIXADORES E AOS <i>STUDENT LEADERS</i>	49
5	CONCLUSÃO.....	56
	REFERÊNCIAS	59

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIOS PARTICIPANTES.....	63
--	-----------

1 INTRODUÇÃO

A inspiração para esse trabalho surgiu da minha experiência pessoal como participante de um programa de intercâmbio promovido pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos com o apoio da Embaixada do EUA no Brasil. Em 2013, durante cinco semanas, estudei na University of Tennessee-Knoxville, junto com outros 19 brasileiros como parte do programa *Study in the U.S. Institutes (SUSI) for Student Leaders*.

Dessa vivência surgiram vários questionamentos a respeito do impacto que programas como o *SUSI for student leaders* tem nas percepções dos jovens participantes brasileiros. Desses questionamentos surgiu o tema dessa pesquisa, que tem como objetivo analisar o papel de programas de intercâmbio educacional na diplomacia pública de um país e o seu impacto na percepção que os participantes tem do país anfitrião (Estados Unidos) e do seu próprio país (Brasil).

Dois programas foram escolhidos para esse estudo: o programa Jovens Embaixadores (*Youth Ambassadors*) e o programa *Study in the U.S. Institutes (SUSI) for Student Leaders*. A escolha dos programas foi baseada no fato de que ambos são programas de curta duração – possuem três e cinco semanas de duração, respectivamente -, são direcionados a jovens estudantes, dando prioridade a aqueles que nunca visitaram os Estados Unidos e ambos são programas recentes e que ocorrem periodicamente.

Tendo em vista o objetivo de compreender o impacto de tais intercâmbios nas percepções dos indivíduos e sua relação com a diplomacia pública dos Estados Unidos, utilizaram-se duas linhas de pesquisa. Uma linha de abordagem da pesquisa baseada em fontes secundárias, buscando na literatura já existente conceitos aplicáveis a pesquisa e estudos empíricos já realizados, como o proposto por Watson e Lippitt, em 1958. O outro caminho utilizado para se comprovar as hipóteses desse trabalho foi coletar dados de fontes primárias a respeito dos dois programas e a respeito das percepções individuais de participantes desses programas de intercâmbio avaliados nesse trabalho.

Essa coleta de dados primários ocorreu por meio de um *survey*² online com brasileiros que participaram do programa Jovens Embaixadores ou do programa *SUSI for Student Leaders*,

² O *survey* encontra-se reproduzido integralmente no apêndice A desse trabalho.

ou de ambos. Antes do *survey* ser disponibilizado a todos os ex-participantes, foram feitos testes e entrevistas com um grupo seis alumni a fim de identificar as modificações necessárias nas questões.

O *survey* foi disponibilizado em quatro grupos que reúnem os alumni desses programas na rede social Facebook. Do total de, aproximadamente, 400 alumni desses dois programas, obteve-se, apenas, 28 respostas ao *survey* entre os dias 3 de setembro e 15 de outubro de 2015. As dificuldades em conseguir mobilizar os alumni para responderem o *survey* e o baixo índice de respostas, fazem com que as conclusões desse trabalho não sejam gerais, mas restrinjam-se a um estudo de caso a respeito do programa Jovem Embaixadores e do SUSI *for Student Leaders*.

Além do *survey*, foram conduzidas duas conversas com pessoas ligadas a organização desses programas de intercâmbio e ao setor de *Cultural Affairs* da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil. Opta-se por não destacar essas fontes durante o trabalho, pois as informações obtidas nessas conversas, apesar de esclarecedoras, não foram utilizadas diretamente nesse trabalho.

O conceito que norteia esse trabalho é a ideia de *soft power*³, apresentada por Joseph Nye nos anos 1990 e que advoga a existência de um poder brando pelos Estados. Para Nye (2004a, p.1), vivemos na Era da Informação e “[...] informação é poder”⁴. Ou seja, vê-se a necessidade de compreender o poder não apenas pela sua vertente bruta (*hard*), mas também através de aspectos intangíveis e brandos (*soft*).

Fred Halliday (2001) afirma que os impérios modernos têm o poder distribuído em três pilares: a força militar (constituída de força econômica e coesão política), a influência cultural e a disseminação ideológica. Halliday reconhece as fontes de poder brando, como a mídia, o cinema, a música pop e a língua inglesa, mas defende que para exercer tal poder, o Estado precisa desenvolver antes força econômica e, conseqüentemente, militar.

Assim, em contraponto a visão que considera apenas as capacidades tangíveis na avaliação de poder dos Estados, a teoria da interdependência oferece uma conceituação que acrescenta aspectos intangíveis nessa análise. Aspectos como cultura, valores políticos e política externa são considerados como fonte de um poder brando (*soft power*) dos Estados (NYE, 2004a).

³ Opta-se por utilizar o termo no original ao invés de traduzi-lo. Como o termo no original é amplamente aceito na literatura de língua portuguesa, o termo, mesmo apresentado em inglês, não será grifado nesse trabalho.

⁴ Do original: “information is power”.

Nesse contexto teórico, o termo *soft power* foi apresentado por Joseph Nye, em 1990, na sua publicação *Bound To Lead: The Changing Nature Of American Power*. Para Nye a definição de poder é a “[...] habilidade de influenciar o comportamento dos demais com o objetivo de conseguir o que se deseja.” (2004a, pg. 2).

A natureza do comportamento e a tangibilidade dos recursos são o que diferenciam o *hard power* do *soft power*. O *hard power*⁵, que engloba o poder militar e econômico de um Estado, baseia-se em comportamentos como coerção, indução e dissuasão. Esse tipo de comportamento é classificado como poder de comando capaz de mudar as ações dos atores utilizando ameaças, força bruta, sanções ou pagamentos como meios (NYE, 2004a),

Você pode me dar ordens para alterar as minhas preferências e fazer o que quiser por ameaçar-me com força ou sanções econômicas. Você pode induzir-me a fazer o que quiser usando seu poder econômico para me pagar. Você pode restringir as minhas preferências, definindo a agenda de tal maneira que os meus desejos mais extravagantes parece muito irrealis para prosseguir (NYE, 2004a, p. 6-7).⁶

O *soft power* é a forma indireta de se conseguir os resultados desejados, na qual o Estado não utiliza coerções, pagamentos ou ameaças (NYE, 2004). Os resultados são obtidos pois os demais Estados emulam o exemplo do “Estado-líder”, compartilham dos seus valores e tradições, e passam a segui-lo em suas decisões almejando atingir um mesmo patamar de desenvolvimento e prosperidade. Assim, o poder se apresenta de forma branda (*soft*) (NYE, 1990).

Nye (2004a) aponta que a diplomacia é o meio pelo qual os governos executam esse *soft power*. Assim, a diplomacia pública é compreendida como um dos instrumentos que o governo dispõe para colocar em prática seus recursos e exercer o *soft power*. Junto com a diplomacia pública estão nesse espectro *soft power* das políticas governamentais, a diplomacia bilateral e a diplomacia tradicional que, por não serem o foco desse estudo, não serão conceituadas.

⁵ Opta-se por utilizar o termo no original ao invés de traduzi-lo. Como o termo no original é amplamente aceito na literatura de língua portuguesa, o termo, mesmo apresentado em inglês, não será grifado nesse trabalho.

⁶ Do original: You can command me to change my preferences and do what you want by threatening me with force or economic sanctions. You can induce me to do what you want by using your economic power to pay me. You can restrict my preferences by setting the agenda in such a way that my more extravagant wishes seem too unrealistic to pursue.

Quadro 1 – Principais meios de obtenção poder a partir de Nye

	COMPORTAMENTOS	INSTRUMENTOS PRIMÁRIOS	POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS
PODER MILITAR	Coerção Dissuasão Proteção	Ameaças Força	Diplomacia coercitiva Guerra Aliança
PODER ECONÔMICO	Indução Coerção	Pagamentos Sanções	Auxílio Propinas Sanções
SOFT POWER	Atração Configuração de agenda	Valores Cultura Políticas Instituições	Diplomacia pública Diplomacia bilateral Diplomacia multilateral

Fonte: Adaptado de Nye (2004a).

Nessa forma branda, o poder emana da cooptação em detrimento da coerção empregada no hard power. Conforme conceituado por Nye (2004a, pg. 5), “[...] soft power baseia-se na capacidade de moldar as preferências dos outros”⁷. A cooptação é tida como a capacidade de alterar a vontade dos demais com base na atração por valores comuns ou pela cultura, ou ainda pela imposição de uma agenda de escolhas políticas comum. No caso da agenda de escolhas políticas, o poder de cooptação de um Estado baseia-se na sua capacidade de manipular tal agenda de forma que os demais falham em expressar suas preferências, pois elas parecem irrealis. (NYE, 2004)

Na conceituação de Vuving (2009), existem três moedas que evocam o lado brando do poder: a beleza, o brilhantismo e a benevolência. A beleza gera poder brando através da inspiração, de um senso de comunidade e de segurança. O brilhantismo evoca o poder brando através da admiração. A benevolência funciona pela expectativa de um altruísmo recíproco.

Nesse sentido, os programas de intercâmbio educacionais podem evocar essas três moedas de poder brando, sendo a principal delas a benevolência. A benevolência ganha destaque na percepção do intercambista quando o governo do país anfitrião emprega recursos financeiros e tempo para cultivar relações com os participantes (VUVING, 2009).

⁷ Do original: “[...] soft power rests on the ability to shape the preferences of others”.

Contudo, é válido ressaltar que classificar o soft power apenas como influência não transmite todo o conteúdo do termo. O soft power é uma forma de influência, que pode incluir também ameaças militares ou econômicas, ou seja hard power. (NYE, 2008)

O soft power é definido como um poder de atração, que emprega diferentes instrumentos para promover a cooperação. Dentre tais instrumentos de atração, considera-se os valores comuns existentes entre os Estados, o senso de equidade e o noção de dever de contribuir para a realização de tais obrigações (NYE, 2004a). O soft power de um país baseia-se em três recursos fundamentais: “[...] sua cultura (em lugares onde é atraente para os outros), os seus valores políticos (quando fazem jus a eles em casa e no exterior), e as suas políticas externas (quando estas são vistas como legítimas e dotadas de autoridade moral)” (NYE, 2004a, p.11)⁸.

A universalidade da cultura de um país, ou seja, quando estão incluídos nessa cultura valores tidos como universais, aumenta a capacidade do Estado de obter os resultados desejados, pois cria uma maior relação de atração. Assim, a cultura terá um maior impacto positivo para gerar os resultados desejados quando existem similaridades culturais de algum nível entre os Estados, ao invés de dissimilaridades (NYE, 2004a).

Notadamente o soft power não pode ser restrito a meras questões culturais, uma vez que essas não são suficientes para gerar tal poder de atração capaz de alterar as preferências de outro Estado. Contrariando o argumento do escritor Niall Ferguson de que soft power pode ser reduzido a “[...] forças não tradicionais como cultura e bens comerciais”⁹, Nye defende que o soft power não pode ser diminuído a apenas essas questões (FERGUSON, 2003¹⁰ apud NYE, 2004a, p.12).

Para Nye (2004a, p.12) “[...] a efetividade de qualquer recurso de poder depende do contexto. Tanques não são um bom recurso de poder militar em pântanos ou florestas.”¹¹. Assim, o contexto no qual se insere tais elementos de soft power determina quais serão os resultados efetivos desse poder de atração. Filmes estadunidenses podem reduzir o soft power dos Estados Unidos em países árabes mas ter um efeito oposto na América Latina e na China, aumentando seu poder de atração nessas regiões.

⁸ Do original: “its culture (in places where it is attractive to others), its political values (when it lives up to them at home and abroad), and its foreign policies (when they are seen as legitimate and having moral authority).”

⁹ Do original: “[...] nontraditional forces such as cultural and commercial goods”.

¹⁰ FERGUSON, Niall. Think Again: Power. **Foreign Policy** n.134. Mar./Apr. 2003, p. 18-24.

¹¹ Do original: “[...] the effectiveness of any power resource depends on the context. Tanks are not a great military power resource in swamps or jungles.”

A forma como tais valores culturais são transmitidos para outros países não está restrita ao comércio. Para além da venda de filmes americanos, Big Macs e Coca-cola no exterior, os valores culturais estadunidenses são transmitidos por meio de contato com cidadãos locais, visitas e intercâmbios.

Assim, os intercâmbios culturais assumem um importante papel de disseminação dos valores culturais e das ideais estadunidenses. Segundo dados do *Project Atlas*, produzido pelo *Institute of International Education* (IIE), no ano acadêmico de 2013-14¹² cerca de 880 mil estudantes estrangeiros frequentavam instituições de ensino nos Estados Unidos (INTERNATIONAL..., [2015]).

Nye (2004b) argumenta que os valores e os ideais estadunidenses são exportados nas mentes desses estudantes estrangeiros que frequentam instituições de ensino nos Estados Unidos e que ao retornam para os seus países de origem tendem a atingir as mais elevadas esferas do poder local. Notadamente a China é responsável por mais de 30% dos estudantes estrangeiros nos EUA, muitos dos quais são filhos e filhas de líderes políticos chineses. Esses estudantes, por vivenciarem a realidade estadunidense, tenderiam a reporta-la de forma diferente do que é divulgado pelos meios oficiais de comunicação do governo chinês. Assim, tais estudantes estrangeiros tornam-se uma ponte entre os Estados Unidos e a China, exportando as suas impressões da realidade estadunidense.

Para além de similaridades culturais, quando as políticas de um Estado, tanto no nível interno quanto no externo, promovem valores e interesses que são comuns aos demais, seu soft power aumenta. Os valores políticos defendidos pelo Estado em conjunto com a sua política externa dão legitimidade as suas ações, lhe garantindo uma certa autoridade moral e um aumento do seu poder de atração sobre os demais (NYE, 2004b).

Claramente as políticas internas e externas de um país não possuem apenas um efeito positivo sob o soft power. As ações que um país toma na esfera interna ou internacional podem torna-lo menos atrativos aos olhos dos demais, reduzindo seu poder de atração.

Por exemplo, a política de segregação racial que imperou nos Estados Unidos até a década de 1950, gerava um efeito negativo no soft power estadunidense no continente africano. Já a política de liberação de armas nos Estados Unidos é apontada como fator que reduz o soft power estadunidense no continente europeu (NYE, 2004b).

¹² O ano acadêmico 2013-14 compreende o período entre setembro de 2013 e junho de 2014.

Uma pesquisa conduzida pela Gallup International apontou que em mais da metade dos países pesquisados os entrevistados consideravam que a política externa dos Estados Unidos possuía um impacto negativo em como eles viam o país. (NYE 2004c). Possivelmente o maior exemplo de como a política externa de um país pode afetar negativamente seu soft power foi a investida militar estadunidense no Iraque em 2003.

Segundo dados da pesquisa mencionada anteriormente, em muitos dos países analisados a população jovem apresentou altos índices de percepções negativas em relação aos Estados Unidos. Ou seja, mesmo existindo uma forte admiração jovem pela cultura estadunidense, a política externa conduzida pelos Estados Unidos está fazendo essa geração questionar o poder do país no cenário global. (NYE 2004c). Torna-se claro a influência negativa que a política externa pode gerar no soft power de um Estado quando falha em obter legitimidade e promover valores comuns.

Ao contrário do hard power, que inclui a força militar, o soft power não é tão útil para que o Estado alcance alguns dos seus interesses nacionais como patrulhar suas fronteiras ou evitar ataques. Contudo, o soft power desempenha um papel crucial na promoção do comércio, da democracia, de valores culturais e de uma agenda comum (NYE, 2004a). Ou seja, o soft power impacta em aspectos, digamos, brandos da relação entre os países, que acabam por favorecer um cenário pacífico no qual os interesses nacionais são alcançados.

O hard power e o soft power não se distinguem apenas em relação a natureza dos comportamentos e a tangibilidades dos recursos, mas também em relação a origem do poder. Enquanto o hard power pode ser considerado monopólio do Estado, que controla as forças armadas ou detêm a gestão das reservas minerais do país; o soft power não pertence ao governo nesse mesmo nível (NYE 2004b).

O soft power emana do governo através de suas políticas, instituições e outros instrumentos, mas também origina-se na sociedade civil. "É verdade que firmas, universidades, fundações, igrejas e outros grupos não governamentais desenvolvem soft power por conta própria que pode reforçar ou contrapor os propósitos oficiais da política externa." (NYE, 2004a, p.17)¹³.

Não apenas as políticas conduzidas por um governo podem minar o soft power de um país, como mencionado anteriormente, como também as atuações da sociedade civil podem

¹³ Do original: "It is true that firms, universities, foundations, churches, and other nongovernmental groups develop soft power of their own that may reinforce or be at odds with official foreign policy goals."

implicar em perdas de poder brando. Um dos exemplos mais elucidativos de tal situação é o papel desempenhado pelos filmes de Hollywood. Em certos casos Hollywood propaga imagens, principalmente em relação as nações muçulmanas que podem prejudicar os esforços empregados pelo governo dos EUA de aproximação com esses países (NYE 2004a).

A relação existente entre o hard power e o soft power pode ser tanto positiva quanto negativa. Conforme destacado por Nye (2004a, p. 25), “Hard e soft power as vezes reforçam e as vezes interferem um no outro”¹⁴. No caso, um país pode resistir a empregar seu hard power mesmo quando necessário por temer a influência que tal ato possa causar no seu soft power. Contrariamente, um Estado que emprega com frequência e indiscriminadamente seu hard power pode ver efeitos negativos de tal ação no seu soft power, que pode fazer com que outros Estados imponham obstáculos ao uso do seu poder bruto.

Como exemplo de tal situação, citam-se os testes nucleares conduzidos pelo governo Kennedy durante a década de 1960. No contexto da Guerra Fria, o governo estadunidense optou por sacrificar parte de seu soft power e conduzir testes nucleares, apesar da oposição da opinião pública. O país tinha como objetivo político aumentar o prestígio do seu hard power diante da URSS (NYE 2004a).

Levando em consideração essa relação existente entre o hard power e o soft power, Joseph Nye cunhou o termo smart power. Tal conceito considera o uso combinado, e balanceado, que um país faz do seu hard power e do seu soft power (NYE, 2009, VUVING, 2009).

Dos exemplos de uso do smart power, tem-se a maneira pela qual os Estados Unidos empregaram seu poder no contexto da Guerra Fria. Os esforços militares dos Estados Unidos barraram uma possível agressão soviética enquanto as ideias estadunidenses penetraram na Cortina de Ferro e minaram o comunismo (NYE, 2009).

Desse forma, a fim de se propor uma discussão sobre a relação de intercâmbios educacionais com os conceitos de soft power, diplomacia pública e diplomacia cultural e compreender o impacto que tais programas tem nos indivíduos, esse trabalho será estruturado em três partes. No primeiro capítulo serão abordados os conceitos de diplomacia pública e de diplomacia cultural como políticas governamentais de soft power. O capítulo seguinte traçará a relação de tais conceitos com os intercâmbios educacionais. E por fim, no quarto capítulo, será feita uma análise do estudo realizado por Watson e Lippitt que serviu de base teórica para a

¹⁴ Do original: “Hard and soft power sometimes reinforce and sometimes interfere with each other”.

formulação dos *surveys* e serão apresentados os resultados e considerações obtidos através desse *survey* aplicado aos participantes dos programas Jovens Embaixadores e SUSI *for Student Leaders*.

2 POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS DE SOFT POWER: DIPLOMACIA PÚBLICA E CULTURAL

Esse segundo capítulo tem como função apresentar e definir os conceitos que formaram os alicerces teóricos para o desenvolvimento dessa pesquisa. Considerando o objetivo de analisar os programas de intercâmbio educacionais promovidos pelo Departamento de Estado¹⁵ em parceria com a Embaixada dos Estados Unidos no Brasil como instrumentos da diplomacia pública e cultural do país, esses dois termos serão conceitualizados.

2.1 A DIPLOMACIA PÚBLICA

O debate a respeito da diplomacia pública é recente, mas sua prática pelos Estados pode ser identificada muito antes disso. Apesar de no passado a diplomacia pública e a diplomacia tradicional serem geridas de forma individual, tornou-se claro que a primeira tinha grande valor para que a segunda conseguisse atingir seus objetivos.

Enquanto a França reconheceu o valor de usar a disseminação de informações e de sua cultura com propósitos diplomáticos ainda no século XIX com a criação da Aliança Francesa, os Estados Unidos aderiram a essa ideia apenas no século seguinte. Através do governo do presidente Woodrow Wilson, e em meio a Primeira Guerra Mundial, foi criado o comitê para informações públicas¹⁶, em 1917 (NYE, 2008).

No período do entre guerras a diplomacia pública tornou a ocupar uma posição importante na percepção dos países. Durante o governo de Roosevelt, conforme destacado por Pells (1997), percebeu-se que a segurança do país dependia da sua habilidade de se comunicar com a opinião pública e conquistar o suporte de pessoas nos demais países.

A importância das comunicações com o público estrangeiro também foi destacada pelo então Secretário do Exterior do Reino Unido, Anthony Eden, em 1937. Segundo seu discurso, “É perfeitamente verdade, é claro, que a boa propaganda cultural não pode remediar os danos causados por uma política externa ruim, mas não é exagero dizer que mesmo a melhor das

¹⁵ Será utilizada a nomenclatura de Departamento de Estado para fazer referência ao Departamento de Estado dos Estados Unidos (*U.S. Department of State*)

¹⁶ Do original: Committee on Public Information

políticas diplomáticas pode falhar se negligenciada a tarefa de interpretação e de persuasão que as condições modernas impõem.”¹⁷ (WAGNLEITNER, 1994¹⁸ apud NYE, 2008).

No contexto da Guerra Fria, os Estados Unidos, a União Soviética e a Europa investiram maciçamente nas formas como se comunicavam com o restante do mundo. A disputa no âmbito do soft power que envolveu os dois blocos antagônicos da Guerra Fria transbordou para a competição militar e econômica, e não o contrário. “A batalha de valores e idéias que dominava as relações internacionais na segunda metade do século XX, evoluiu para competição na esfera do hard power, e não vice-versa.”¹⁹ (LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002, p.1).

A diplomacia pública é considerada como um dos elementos essenciais na vitória americana na Guerra Fria. Por exemplo, intercâmbios, visitas e bolsas de estudo oferecidas pelo governo estadunidense a intelectuais soviéticos no contexto da Guerra Fria teria contribuído para corroer a ideologia socialista dentro do bloco soviético (NYE, 2008).

Considerando o contexto atual das Relações Internacionais, a diplomacia pública tem um impacto ainda mais relevante na política externa dos países. A capacidade e a forma como um país se comunica com a opinião pública estrangeira tem um importante peso na diplomacia tradicional do país.

No contexto da Era da informação, informação é poder e uma parcela cada vez maior da população mundial tem acesso a tal poder. Assim, a política internacional tornou-se uma competição entre os governos por credibilidade. Nesse momento, a política não é mais apenas sobre quem consegue vencer na esfera econômica ou militar, mas também sobre quem consegue contar a história vencedora, capaz de cooptar os demais (NYE, 2008).

O mundo da política de poder tradicional é tipicamente sobre cujo exército cuja economia ganha. Política em uma era da informação "pode vir a ser sobre cuja história ganha" (Arquila e Ronfeldt 1999). Governos competem entre si e com outras organizações para melhorar a sua própria credibilidade e enfraquecer a dos seus opositores (NYE, 2008)²⁰.

¹⁷ Do original: “It is perfectly true, of course, that good cultural propaganda cannot remedy the damage done by a bad foreign policy, but it is no exaggeration to say that even the best of diplomatic policies may fail if it neglects the task of interpretation and persuasion which modern conditions impose.”

¹⁸ Wagnleitner, Reinhold. **Coca colonization and the cold war**. Chapel Hill: University of North Carolina, 1994.

¹⁹ Do original: “The battle of values and ideas that dominated international relations in the second half of the twentieth century evolved into competition in the sphere of hard power, and not vice versa.”

²⁰ Do original: The world of traditional power politics is typically about whose military or economy wins. Politics in an information age ‘may ultimately be about whose story wins’ (Arquila and Ronfeldt 1999). Governments compete with each other and with other organizations to enhance their own credibility and weaken that of their opponents.”

Em um mundo onde as informações tornaram-se abundantes e disponíveis a todos, surge uma nova questão para a diplomacia pública, o paradoxo da abundância. Esse paradoxo impõe a questão da credibilidade à política atual, reafirmando a competição dos Estados pela confiança (NYE, 2008).

Fazendo uma breve análise da diplomacia pública estadunidense, nota-se que apenas no contexto pós 11 de setembro de 2001 o governo retomou os investimentos nesse modelo de diplomacia. O fim da Guerra Fria resultou, na visão do governo estadunidense, em uma perda de importância do soft power já que não havia mais um bloco antagônico que desafiava diretamente a ideologia dos Estados Unidos. Conforme Leonard, Stead e Swmewing (2002, p.2), “Após a queda do Muro de Berlim, os Estados Unidos haviam perdido o seu desejo de propagar os seus valores e mensagens para os quatro cantos do mundo, e gradualmente abandonam muitas das ferramentas de propaganda e de informação nas quais tinham se baseado fortemente durante a Guerra Fria.”²¹.

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 despertaram a atenção do governo americano novamente para a importância de conquistar mentes e corações como aspecto da política internacional. No contexto da Guerra contra o Terror, os Estados Unidos investiram não apenas em ações militares, como também em ações de soft power para conseguir o apoio de governos e da opinião pública estrangeira no seu combate ao terrorismo (LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002; NYE 2008)

Diante dessa necessidade de exercer sua diplomacia pública de forma significativa, os Estados Unidos deparou-se com um ambiente diferente daquele visto durante a Guerra Fria. Na Era da Informação a necessidade de nutrir uma opinião pública favorável se tornou muito mais necessária, uma vez que mais países possuem um regime de governo democrático e na qual não há mais o embate entre dois blocos antagônicos. Os países passaram a exercer uma maior influência nos resultados buscados pelos Estados Unidos, e assim o soft power estadunidense tornou-se mais essencial às políticas externas do país.

A falha dos Estados Unidos em conseguir o apoio do México na ONU para os ataques ao Iraque em 2003 e a negativa turca de permitir que as tropas estadunidenses cruzassem o seu território demonstram o impacto do soft power nas relações internacionais recentes dos Estados

21 Do original: “After the fall of the Berlin Wall, the United States had lost its urge to spread its values and messages to the four corners of the world, and gradually run down many of the propaganda and information tools which it had relied on so heavily during the cold war.”

Unidos. Em ambos os casos o soft power estadunidense não conseguiu gerar um ambiente internacional favorável as políticas dos país (NYE, 2008).

No mundo pós-moderno a definição tradicional de diplomacia não é mais suficiente levando-se em consideração as transformações ocorridas na esfera internacional, principalmente o surgimento de novos atores relevantes no sistema internacional e a massificação do acesso as informações. A respeito das definições tradicionais de diplomacia, Melissen (2005) destaca que elas sempre focaram em três pontos: seu propósito principal, seus agentes ou seu função.

Definições existentes de diplomacia, quer tenham salientado a sua principal finalidade ('a arte de resolver as dificuldades internacionais pacificamente'), seus principais agentes ('a condução das relações entre Estados soberanos por meio de representantes credenciados') ou sua função principal ('a gestão das relações internacionais por meio da negociação')²² (MELISSEN, 2005, p.5).

Essas definições não levam em consideração a necessidade de um ponto de vista mais abrangente que considere como interlocutores não apenas oficiais diplomáticos, mas também a sociedade civil. Assim, a diplomacia deveria ser definida como "[...] o mecanismo de representação, comunicação e negociação por meio do qual os Estados e outros atores internacionais conduzem seus negócios."²³ (MELISSEN, 2005, p.5).

Nicholas Cull (2009) argumenta que o termo diplomacia pública já aparecia em publicações jornalísticas do século XIX tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra. Contudo, Cull desconsidera que em tais publicações, a diplomacia pública fosse um sinônimo para civilidade, no sentido de exemplo para os cidadãos de um país. Nesse modelo a diplomacia pública não representava um instrumento do soft power de uma nação, pois não tinha a capacidade de cooptar os demais países.

Assim, na forma como é considerado hoje, o termo diplomacia pública foi cunhado por Edmund Gullion, um diplomata de carreira estadunidense, em 1965. Gullion conceituou a diplomacia pública como

A diplomacia pública ... trata da influência de atitudes públicas sobre a formação e execução de políticas estrangeiras. Ela engloba dimensões das relações internacionais para além diplomacia tradicional; o cultivo, por parte dos governos, da opinião pública em outros países; a interação de privados grupos e de interesses de um país com os de outro; a comunicação de assuntos externos e seu impacto na política; a comunicação

²² Do original: Existing definitions of diplomacy have either stressed its main purpose ('the art of resolving international difficulties peacefully'), its principal agents ('the conduct of relations between sovereign states through the medium of accredited representatives') or its chief function ('the management of international relations by negotiation').

²³ Do original: "[...] the mechanism of representation, communication and negotiation through which states and other international actors conduct their business."

entre aqueles cujo trabalho é a comunicação, entre diplomatas e correspondentes estrangeiros; e os processos de comunicações inter-culturais²⁴(THE EDWARD R. MURROW CENTER OF PUBLIC DIPLOMACY, [2015]).

Essa definição mante-se até hoje como base para a conceituação da diplomacia pública por diferentes autores e instituições. Gullion conseguiu captar a relevância das interações entre atores de diferentes países, assim como a importância das comunicações interculturais.

A antiga agência governamental estadunidense para informação (USIA), definiu diplomacia pública como

A diplomacia pública visa promover o interesse nacional e a segurança nacional dos Estados Unidos através da compreensão, informação e influência de públicos estrangeiros, ampliando o diálogo entre os cidadãos e instituições estadunidenses e os seus homólogos no exterior.²⁵ (LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002).

Assim, Melissen (2005, p.5) destaca a diferença entre os dois tipos de diplomacia, a tradicional e a pública,

A distinção básica entre a diplomacia tradicional e diplomacia pública é clara: a primeira é sobre as relações entre os representantes dos estados, ou outros atores internacionais; enquanto a última considera como alvos o público em geral em sociedades estrangeiras e, mais especificamente, grupos não-oficiais, organizações e indivíduos.²⁶

Conforme Hans Tuch, diplomacia pública pode ser definida como a maneira pela qual um governo comunica-se com o público internacional com o objetivo de gerar entendimento mútuo sobre a respeito do país. Aspectos como os ideais, as ideias, as instituições, a cultura, as políticas e interesses nacionais são objeto dessa comunicação (TUCH, 1990²⁷ apud MELISSEN, 2005).

A definição apresentada por Langhorne (2005) compreende além dos Estados o papel das ONGs, instituições interestatais e corporações transnacionais no processo da diplomacia pública. Nessa definição, a diplomacia pública é o processo de comunicação no qual se empreende relações diretas com a população de um país estrangeiro a fim de se alcançar objetivos nacionais

²⁴ Do original: “Public diplomacy ... deals with the influence of public attitudes on the formation and execution of foreign policies. It encompasses dimensions of international relations beyond traditional diplomacy; the cultivation by governments of public opinion in other countries; the interaction of private groups and interests in one country with those of another; the reporting of foreign affairs and its impact on policy; communication between those whose job is communication, as between diplomats and foreign correspondents; and the processes of inter-cultural communications”.

²⁵ Do original: “Public diplomacy seeks to promote the national interest and the national security of the United States through understanding, informing, and influencing foreign publics and broadening dialogue between American citizens and institutions and their counterparts abroad.”

²⁶ Do original: The basic distinction between traditional diplomacy and public diplomacy is clear: the former is about relationships between the representatives of states, or other international actors; whereas the latter targets the general public in foreign societies and more specific non-official groups, organizations and individuals.

²⁷ TUCH, Hans N. **Communicating with the world: U.S. public diplomacy overseas**. New York: St Martin's, 1990.

e estender valores. A comunicação com a população local, seja por parte do governo ou por ONGs estrangeiras, tem como objetivo explicar aspectos culturais, ideais e políticas.

Edward R. Murrow, diretor da USIA durante o governo do presidente Kennedy na década de 1960, definiu a diplomacia pública não apenas como as interações entre governos estrangeiros, mas primordialmente como as interações entre indivíduos e organizações. Dessa maneira, a diplomacia pública não se restringe a disseminar pontos de vista governamentais, mas também “privados”, apresentados por entidades, e indivíduos, não governamentais, como ONGs, multinacionais e outras instituições (LANGHORNE, 2005; LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002; MELISSEM, 2007).

A diplomacia pública difere da diplomacia tradicional na medida em que envolve a interação, não só com governos, mas principalmente com indivíduos e organizações não-governamentais. Além disso, atividades de diplomacia pública, muitas vezes, apresentam muitos pontos de vista diferentes representados por indivíduos e organizações privadas estadunidenses, além dos pontos de vista oficiais do governo²⁸(MURROW apud LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002).

Para Langhorne (2005), a diplomacia pública também surge como uma reação ao aparecimento de novos atores no sistema internacional, como ONGs, instituições interestatais e companhias transnacionais. Ou seja, a diplomacia pública nasce de uma expansão da estrutura da diplomacia tradicional.

Com base nas conceituações desses diferentes autores tem-se que a diferenciação fundamental entre o modelo de diplomacia tradicional e a diplomacia pública reside na gama de agentes governamentais, e principalmente não governamentais, que se engajam nela. De acordo com Leonard, Stead e Smewing (2002, p.8-9), [...] a diferença entre a diplomacia pública e a tradicional é que a diplomacia pública envolve um grupo muito maior de pessoas de ambos os lados, e um conjunto mais amplo de interesses que vão além das do governo atual.”²⁹.

É importante destacar que a diplomacia pública não deve ser considerada como mera propaganda ou como uma vertente internacional das relações públicas de um país (LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002; MELISSEN, 2005; NYE 2008). O termo diplomacia pública, apresentado como sinônimo para propaganda ou relações públicas é uma conceituação errônea

²⁸ Do original: “Public diplomacy differs from traditional diplomacy in that it involves interaction not only with governments but primarily with nongovernmental individuals and organisations. Furthermore public diplomacy activities often present many differing views represented by private American individuals and organizations in addition to official government views”.

²⁹ Do original: “[...] the difference between public and traditional diplomacy is that public diplomacy involves a much broader group of people on both sides, and a broader set of interests that go beyond those of the government of the day.”

pois simplifica a diplomacia pública a ações propagandísticas, que sozinhas são incapazes de obter os resultados aos quais essa vertente da diplomacia se propõe.

A propaganda diferencia-se da diplomacia pública pela sua ausência de credibilidade (NYE, 2008), e assim por sua incapacidade de persuadir a população de países relutantes (LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002). Uma diplomacia pública conduzida de forma correta vai além da simples propaganda de um Estado.

De forma similar, o termo relações públicas também não serve como sinônimo por não abarcar todo o conteúdo da diplomacia pública. Inegavelmente aspectos das relações públicas, como a transmissão de informações e venda de uma imagem do país no exterior, fazem parte da diplomacia pública, mas esta não restringe a isso (NYE, 2008).

O aspecto fundamental na diferenciação da diplomacia pública da mera propaganda ou das relações públicas é a capacidade (e objetivo) desse modelo de diplomacia não restringir-se a transmissão de informações ou a ações propagandísticas, mas sim promover a construção de relações duradouras. Buscando construir relações entre os cidadãos e países, um país busca através da sua diplomacia pública estabelecer um ambiente internacional favorável aos seus interesses e as suas políticas governamentais.

É nesse ponto que reside a relação entre a diplomacia pública e o soft power de um Estado. Considerando que os recursos responsáveis por produzir o soft power provêm dos valores culturais das políticas e do modo de interação de um Estado com os demais, a diplomacia pública é um importante instrumento na instrumentalização de tais recursos em poder brando.

Como instrumento do soft power, a diplomacia pública possibilita que os governos empreguem tais recursos como fonte de atração através da comunicação. Transmissões, financiamento de eventos culturais no exterior e programas de intercâmbio são alguns dos caminhos que os governos utilizam para se comunicar e construir relações com populações no estrangeiro (LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002; NYE, 2008). Uma das maneiras empregadas pelos governos para a construção de relações com as populações estrangeiras são os intercâmbios. Tal relação entre a diplomacia pública e os intercâmbios será construída nos capítulos três e quatro desse trabalho.

Vale ressaltar que, assim como apenas a propaganda ou as relações públicas não conseguem gerar soft power, uma diplomacia pública com elementos que não sejam atrativos também não obterá sucesso independentemente da qualidade da sua formulação e

implementação. Quando os valores culturais, as políticas ou as instituições do país não são atrativos aos demais, nem a diplomacia pública do país consegue gerar um poder de atração. Nesses casos a diplomacia pública pode gerar até mesmo resultados contrários ao seu propósito, levando a diminuição do soft power do país (LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002)

Dessa maneira, há uma forte conexão entre a diplomacia pública conduzida por um país e o soft power que este obtêm. Esse modelo de diplomacia considera a importância de atores não governamentais e da população civil na condução da diplomacia, além destacar a relevância das interações e da construção de laços entre os governos e as populações estrangeiras como forma de se construir um ambiente internacional favorável aos interesses e objetivos nacionais (LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002; MELISSEN, 2005; NYE 2008, 2010)

Leonard; Stead e Smewing (2002, p.1), destacam a importância das relações interpessoais para a diplomacia pública, “Na verdade a diplomacia pública é sobre a construção de relacionamentos: compreendendo as necessidades dos outros países, culturas e povos; comunicando nossos pontos de vista; corrigindo equívocos; procurando áreas onde podemos encontrar uma causa comum.”³⁰. Assim, entende-se que a forma mais efetiva da diplomacia pública de um país obter os resultados desejados é por meio da criação de laços duradouros com a população local. Programas de intercâmbio atuam nessa esfera de longo prazo e favorecem a construção de relações duradouras entre os países. Gerar um ambiente favorável para desenvolver tais relações demanda tempo e recursos, contudo os resultados são mais duradouros do que os gerados, por exemplo, pela mídia. Dessa forma, a diplomacia pública engloba na sua esfera de políticas governamentais, os intercâmbios educacionais, que constituem uma forma dos Estados construírem vínculos duradouros com populações estrangeiras.

2.2 A DIPLOMACIA CULTURAL

A cultura tem um papel de extrema importância para o conceito de soft power. Conforme a definição de Nye mencionada na seção anterior, o soft power de um país baseia-se em três aspectos fundamentais: sua cultura, seus valores políticos e sua política externa (NYE, 2004).

³⁰ Do original: “In fact public diplomacy is about building relationships: understanding the needs of other countries, cultures and peoples; communicating our points of view; correcting misperceptions; looking for areas where we can find common cause.”

As diferentes definições de diplomacia cultural salientam o papel desse modelo de diplomacia de promover a compreensão mútua entre os países por meio do contato entre as diferentes culturas.

Embora não haja um conjunto de consentimentos comuns sobre a definição de diplomacia cultural, esta pode ser melhor descrita como os meios através dos quais os países promovem seus valores políticos e culturais para o resto do mundo. A ideia essencial é de permitir acesso público à diferentes culturas e perspectivas, e, deste modo, fomentar a compreensão mútua e o diálogo (CHAKRABORTY, 2013, p. 30).

Segundo Cummings (2003, p.1), a diplomacia cultural pode ser definida como [...] o intercâmbio de ideias, informações, arte e outros aspectos da cultura entre as nações e os seus povos, a fim de promover entendimentos mútuos³¹. Ainda conforme essa conceituação, a diplomacia cultural envolve atividades nas quais a ideia que esse país tem de si mesmo são apresentadas de forma a inspirar outras populações independentemente das diferenças políticas ou da distância geográfica existente entre eles.

Para Chizuru Saeki (2005) e Agostinelli (2012), diplomacia cultural pode ser conceituada como o intercâmbio de ideias, informações, artes e cultura de maneira a promover a compreensão mútua entre cidadãos de países distintos. Kim (2011) destaca que tal diplomacia serve para que o país crie uma base de confiança, a qual é útil para os *policy makers* atingirem acordos políticos, econômicos e militares.

A diplomacia cultural permite criar a base da confiança entre os cidadãos de diferente nações, dissolver as noções de desconfiança e abrir caminho para as relações econômicas, políticas e militares entre os países (AGOSTINELLI, 2012). Semelhante, Kim (2011, p.1) argumenta que “A diplomacia cultural incentiva outros povos para dar à nação o benefício da dúvida sobre questões políticas específicas ou pedidos de colaboração, uma vez que existe uma presunção de interesse comum³²”.

Traçando a relação entre a diplomacia cultural e a diplomacia pública tem-se que a primeira é um dos pilares fundamentais da segunda. Segundo Kim (2011, p.1), “A importância da diplomacia pública tem vindo a crescer conforme o soft power emerge da cultura, dos valores e

³¹ Do original: “[...] the exchange of ideas, information, art and other aspects of culture among nations and their peoples in order to foster mutual understandings”.

³² Do original: “Cultural diplomacy encourages other peoples to give the nation the benefit of the doubt on specific policy issues or requests for collaboration, since there is a presumption of shared interest”.

das políticas nacionais e de política externa. Isso inspira o importante papel da diplomacia cultural como eixo da diplomacia pública.”³³.

A diplomacia cultural é o fenômeno que proporciona o “contexto operacional” para a política entre os países (AGOSTINELLI, 2012). Considerando que os intercâmbios educacionais colocam os estudantes em contato direto com a cultura do país anfitrião e que buscam promover a compreensão mútua, estes se enquadram em atividades da diplomacia cultural do país.

Assim, considerando que o objetivo dessa pesquisa é analisar intercâmbios educacionais como recurso para o soft power dos Estados Unidos, os conceitos de diplomacia pública e diplomacia cultural são primordiais para a análise. Como discutido nesse subcapítulo tem-se que a diplomacia pública é um meio para a implementação de recursos de soft power pelo país e a diplomacia cultural é uma parte disso.

³³ Do original: “The importance of public diplomacy has been emerging since soft power has growing out of culture, out of domestic values and policies, and out of foreign policy. It draws the significant role of cultural diplomacy as linchpin of public diplomacy.”

3 INTERCÂMBIOS EDUCACIONAIS: SOFT POWER E FERRAMENTAS DA DIPLOMACIA PÚBLICA E CULTURAL

O primeiro capítulo desse trabalho abordou as questões teóricas e conceituou os três termos chave dessa pesquisa – soft power, diplomacia pública e diplomacia cultural. Nesse segundo capítulo será discutida a relação entre esses termos e os intercâmbios educacionais. Mais especificamente, como intercâmbios educacionais são ferramentas da diplomacia pública e cultural e como são capazes de gerar soft power para um país.

Na segunda seção, será apresentado um breve histórico dos programas de intercâmbio educacionais e culturais promovidos pelo governo dos Estados Unidos, país-alvo dessa pesquisa. Também será discutida a estrutura da cadeia de decisão por trás desses programas, como o papel do Departamento de Estado e ECA (*Bureau of Education and Cultural Affairs*). Ao final, serão apresentados alguns exemplos de programas de intercâmbio educacional atuais e suas conexões com a conjuntura internacional atual.

3.1 A VALIDADE DOS INTERCÂMBIOS EDUCACIONAIS COMO INSTRUMENTOS PARA A GERAÇÃO DE SOFT POWER

O objetivo desse subcapítulo é apresentar os intercâmbios como um dos instrumentos da diplomacia pública, pois possibilita a construção de vínculos entre um país e uma população estrangeira. Conforme definido pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, a diplomacia pública refere-se a "[...] programas patrocinados pelo governo destinados a informar ou influenciar a opinião pública em outros países; seus principais instrumentos são publicações, filmes, **intercâmbios culturais**, rádio e televisão."³⁴ (PUBLIC..., 1987, p. 85, grifo nosso).

Assim, os intercâmbios claramente podem ser considerados como instrumentos da diplomacia pública de um país, pois são desenhados para informar e influenciar, em algum grau, as populações estrangeiras. Considerando que a influência e a informação são aspectos importantes na construção do soft power de um país, argumenta-se, portanto, que os programas

³⁴ Do original: “[...] government-sponsored programs intended to inform or influence public opinion in other countries; its chief instruments are publications, motion pictures, **cultural exchanges**, radio and television.”

de intercâmbio servem também para um país gerar poder de atração sobre outras populações e nações.

A diplomacia pública, segundo Leonard, Stead e Smewing (2002), ocorre em três dimensões, sendo a primeira delas as gestão questões diárias, ou seja como o país comunica para diferentes audiências as questões da sua política interna e externa. No segundo nível está a comunicação estratégica, as mensagens que um país divulga a fim de se promover diante dos demais.

Mais especificamente, a segunda dimensão da diplomacia pública foca-se em delimitar mensagens estratégicas que sirvam aos interesses do país e desenvolver atividades a fim de promovê-las. Leonard, Stead e Smewing (2002, p.14) classificam essa segunda dimensão como “É um conjunto de atividades, como uma campanha política: definindo uma série de mensagens estratégicas e planejando uma série de atividades ao longo de um ano ou mais para reforçá-los”³⁵.

Na terceira dimensão da diplomacia pública tem-se a construção de vínculos duradouros entre o país e populações estrangeiras. Esse processo de construção de laços, diferentemente dos observados nas demais dimensões, ocorre no longo prazo e é mais bem sucedido quando ocorre por meio de interações pessoais. Assim, o caminho para a construção de tais vínculos duradouros inclui intercâmbios, bolsas de estudo, conferências, treinamentos e seminários (LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002; NYE, 2008).

Para que a diplomacia pública seja efetiva ela necessita atuar como uma via de mão dupla, permitindo ao país anfitrião – aquele que emprega a diplomacia pública - compreender como as populações estrangeiras estão recebendo as suas mensagens. Dessa forma, os intercâmbios constituem uma forma mais eficiente de diplomacia, “Diplomacia pública eficaz é uma via de mão dupla que envolve ouvir, assim como falar. Precisamos entender melhor o que está acontecendo na mente dos outros e quais são os valores que compartilhamos. É por isso que as trocas são muitas vezes mais eficazes do que a mera transmissão.”³⁶ (NYE, 2008 p.112).

Intercâmbios, tanto educacionais quanto culturais, são considerados como elementos da alta cultura, que engloba literatura, arte e educação. Enquanto a alta cultura foca-se na

³⁵ Do original: “It is a set of activities more like a political campaign: setting a number of strategic messages, and planning a series of activities over a year or so to reinforce them.”

³⁶ Do original: , “Effective public diplomacy is a two-way street that involves listening as well as talking. We need to understand better what is going on in the minds of others and what values we share. That is why exchanges are often more effective than mere broadcasting.”

comunicação com as elites intelectuais, a chamada cultura popular foca-se no entretenimento de massas através da mídia (NYE, 2004b).

A cultura popular consegue transmitir, tanto através de mensagens subliminares quanto expor abertamente, os valores da sociedade estadunidense, e ainda abarcar uma grande área de abrangência. Contudo, críticas à cultura popular destacam que, por ser difusa e por trabalhar tais valores de forma rasa, torna-se difícil traçar os resultados efetivos de sua atratividade. Além disso, por não ter um grupo-alvo, mas ser difundida de maneira igual, a cultura popular pode gerar efeitos contraditórios nos diferentes grupos de um mesmo país. Assim, a cultura popular não constitui um recurso uniforme de soft power (KIM, 2011; LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002; NYE, 2004a).

A distinção entre a alta cultura e a cultura popular foi descrita pelo poeta estadunidense Carl Sandburg, em 1961, como “O quê, Hollywood é mais importante do que Harvard? A resposta é, não é tão impecável como Harvard, mas, no entanto, chega mais longe.”³⁷ (SANDBURG apud NYE, 2004a). Ou seja, enquanto a cultura popular tem seu como seu ponto forte sua abrangência, a alta cultura destaca-se por ser um recurso de soft power mais uniforme e cujos efeitos são menos difusos.

Nesse contexto dos Estados Unidos, a alta cultura é apontada como fonte de grande quantidade de soft power para o país, e os intercâmbios educacionais tem grande responsabilidade nisso. Tal argumento é verificado no discurso do então Secretário de Estado, Colin Powell “Não consigo pensar em nenhum ativo mais valioso para nosso país do que a amizade com futuros líderes mundiais que foram educados aqui.”³⁸ (NYE, 2004a p.44).

Nye argumenta que muitos dos estudantes internacionais que frequentam intercâmbios educacionais no país irão eventualmente assumir posições nas quais eles podem afetar resultados políticos importantes para os Estados Unidos (NYE, 2004a p.44). Assim, gerar poder de atração sobre esses estudantes pode contribuir para que, posteriormente, através da cooptação, os interesses políticos estadunidenses sejam atingidos.

Por exemplo, Programa Fulbright, que atualmente é considerado o maior programa do gênero na história e que ao longo das últimas seis décadas promoveu o intercâmbio de mais de

³⁷ Do original: “What, Hollywood's more important than Harvard? The answer is, not as clean as Harvard, but nevertheless, further reaching.”

³⁸ Do original: Powell “I can think of no more valuable asset to our country than the friendship of future world leaders who have been educated here.”

360 mil estudantes, pesquisadores e professores, contribuindo para a formação de diversos líderes políticos internacionais (BUREAU OF EDUCATION AND CULTURAL AFFAIRS, [2015a]). Dentre alumni do Programa Fulbright estão 31 chefes de governo, que inclui o ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso (BUREAU OF EDUCATION AND CULTURAL AFFAIRS, [2015b]).

Segundo Nye, o soft power gerado pelos intercâmbios educacionais são percebidos quando os participantes retornam aos seus países de origem com uma maior apreciação dos valores e das instituições estadunidenses.

Os estudantes internacionais geralmente voltam para casa com uma maior valorização dos valores e instituições norte-americanas, e, tal como expresso num relatório elaborado por um grupo de educação internacional, "Os milhões de pessoas que estudaram nos Estados Unidos ao longo dos anos constituem um reservatório notável de boa vontade para nosso país"³⁹(NYE, 2004a, p.44).

Deve-se destacar que o objetivo não é converter os estudantes, mas sim dar-lhes uma perspectiva mais aprofundada dos Estados Unidos. Através do intercâmbio os estudantes são expostos às fraquezas e aos pontos fortes da política, das instituições e dos valores estadunidenses, sendo capazes de desenvolverem um ponto de vista para além de uma mera idealização ou caracterização negativa a respeito do país.

Não é que o aluno vai voltar convertido mas, eles voltam com uma ideia muito mais sofisticada dos nossos pontos fortes e fracos. Você complexifica seu pensamento. Então, eles vão voltar e ser críticos da política estadunidense para Israel ou eles vão voltar e ser crítico da política estadunidense sobre a pena de morte. Mas eles terão uma compreensão mais profunda de por que é que os estadunidense tratam o controle de armas de forma diferente da dos europeus⁴⁰(NYE, 2004⁴¹ apud LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002, p.19).

Dessa forma, a consolidação de relações amigáveis e duradouras gerada pelos intercâmbios tem como vantagem levar a um maior nível de tolerância nas reações internacionais. Nye (2010, p.112), descreve que “[...] às vezes amigos vão dar-lhe o benefício da dúvida ou perdoar com maior boa vontade”⁴².

³⁹ Do original: “International students usually return home with a greater appreciation of American values and institutions, and, as expressed in a report by an international education group, “The millions of people who have studied in the United States over the years constitute a remarkable reservoir of goodwill for our country.”

⁴⁰ Do original: “It is not that the student goes back converted but they go back with a much more sophisticated idea of our strengths and weaknesses. You complexify their thinking. So they will go back and be critical of American policy on Israel or they will go back and be critical of American policy on capital punishment. But they will have a deeper understanding of why it is that Americans treat gun control differently than Europeans.”

⁴¹ NYE, Joseph. **Soft Power**: The means to success in world politics. Nova Iorque: Public Affairs: 2004.

⁴² Do original: “[...] sometimes friends will give you the benefit of the doubt or forgive more willingly”.

Assim, o soft power é um instrumento da diplomacia pública e cultural dos países, cujo objetivo é consolidar vínculos duradouros entre o país e as populações estrangeiras a fim de se gerar um ambiente favorável aos interesses do país. Programas de intercâmbio promovem a compreensão mútua entre culturas e nutrem imagens positivas do país, constituindo assim em um importante para a geração de soft power pelo país.

Tendo em mente as três fontes de soft power de Vuving (2009) mencionadas no capítulo anterior – beleza, brilhantismo e benevolência -, é possível consolidar um relação entre programas de intercâmbio e a geração de soft power para o país anfitrião. Beleza, brilhantismo e benevolência são claramente evocados pelos programas de intercâmbio financiados pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, gerando assim um poder de atração.

Vuving (2009) considera que os programas de intercâmbio não podem ser considerados como soft power *per se*, mas sim um caminho para que essas três fontes de soft power sejam evocadas e consolidem-se como poder de atração sobre os participantes. Por exemplo, o contato que os intercambistas tem com os valores, causas, visões e ideais do país anfitrião evocam uma noção de beleza. Ao perceberem que o país anfitrião partilha dos mesmos ideais e valores que eles, os participantes tendem a criar uma relação de confiança com o país. Assim, a beleza surge como moeda de poder quando os indivíduos ao conectarem-se com o país passam a ter a visão de que ele irá engajar-se para proteger os valores comuns e exercerá uma boa liderança para aqueles que perseguem as mesmas visões. Conforme expresso por Vuving (2009, p.12), “Porque você representar os nossos ideais comuns, valores, causas, ou visões convincentemente, eu confio que você vai avançar nossas causas, proteger os nossos valores e dar um bom exemplo ou fornecer uma boa orientação para aqueles que compartilham os mesmos ideais e valores e buscar as mesmas causas e visões.”⁴³

A beleza é a principal moeda de poder por trás do carisma que países e seus líderes detêm. Durante a Guerra Fria, Estados Unidos, União Soviética e China eram os países mais carismáticos do sistema, cada um com um grupo específico de indivíduos e países. É interessante observar que nesse período do século XX Estados Unidos e União Soviética mantinham programas de intercâmbio.

⁴³ Do original: "Because you represent our shared ideals, values, causes, or visions compellingly, I trust that you will advance our causes, protect our values and set a good example or provide good guidance for those who share the same ideals and values and pursue the same causes and visions."

A segunda moeda de poder, o brilhantismo, é evocada pela percepção de que o país anfitrião é bem sucedido e capaz. Nesse caso, o contato que os estudantes têm durante o intercâmbio com escolas e universidades estadunidenses, cujos padrões e infraestrutura destoam da realidade usual brasileira, evocam a admiração, respeito e desejo de emulação pelos participantes. O impacto desse conceito de brilhantismo nos intercambistas pode ser observado nos *surveys* conduzidos durante essa pesquisa e que serão apresentados no próximo capítulo.

Por último, a benevolência é considerada por Vuving (2009) como a principal moeda de poder resultante de programas de intercâmbio. A benevolência gera gratidão e simpatia pelo país anfitrião nos participantes. O fato de um governo dedicar tempo e recursos para organizar programas que levem jovens aos Estados Unidos e depois manter contato com eles, produz uma forte conexão pessoal entre o país e os participantes.

Dessa forma, os programas de intercâmbio são uma parte importante da diplomacia pública de um país, permitindo que ele construa vínculos com as populações estrangeiras e obtenha resultados no longo prazo. A experiência de um intercâmbio evoca as três moedas do soft power - beleza, o brilhantismo e a benevolência, contribuindo para que os países exerçam um poder de atração através de programas de intercâmbio. Por tais razões, governos criam e financiam programas de intercâmbio que levam estudantes, jovens, profissionais e outros grupos estrangeiros para passarem um período de tempo no seu território tendo contato direto com suas instituições, seus valores, suas políticas e sua cultura.

3.2 HISTÓRICO DA DIPLOMACIA PÚBLICA ESTADUNIDENSE ATRAVÉS DE INTERCÂMBIOS

Tendo como país foco dessa pesquisa os Estados Unidos, é válido fazer uma breve regressão histórica a fim de compreender como o governo do país passou a se engajar na promoção e financiamento de programas de intercâmbio direcionados tanto para populações estrangeiras quanto para cidadãos estadunidenses. Ao longo das últimas décadas diversos programas foram estruturados e, sendo uma ferramenta da diplomacia do país, estavam vinculados a conjuntura internacional da época.

No final da década de 1930, sob o governo de Franklin Roosevelt, os Estados Unidos já percebiam a importância que a comunicação com os povos estrangeiros tinha para a segurança do país. “A segurança dos Estados Unidos dependia de sua capacidade de falar e de ganhar o apoio de pessoas em outros países”⁴⁴(PELLS apud NYE, 2004a).

Nesse período de ascensão do Terceiro Reich, o governo estadunidense passa a ter preocupações a respeito da propaganda alemã na América Latina, que levam a criação da *Division of Cultural Relations* e do *Office of Inter-American Affairs*, ambos dentro do Departamento de Estado dos Estados Unidos. Sob o comando de Nelson A. Rockefeller, promovia ativamente informações sobre os Estados Unidos para a América Latina.

No início da década de 1940, os Estados Unidos já tinham ultrapassado a Alemanha na transmissão de conteúdo nacional voltado para a América Latina, transmitindo 24 horas por dia (NYE, 2008). É nesse contexto da Segunda Guerra Mundial que iniciam os esforços estadunidenses de conquistar mentes e corações no continente latino-americano.

Em 1940, no contexto da Segunda Guerra Mundial e da “Política de Boa Vizinhança” para a América Latina, começam os esforços estadunidenses para o estabelecimento de intercâmbios culturais como parte da sua diplomacia pública. O intercâmbio de 130 jornalistas latino-americanos para os Estados Unidos a convite do então coordenador de assuntos comerciais e culturais para as Repúblicas Americanas, Nelson A. Rockefeller, inseria-se na agenda política estadunidense de cooperação e negociação diplomática com a América Latina, substituindo uma política intervencionista que havia prevalecido nas décadas anteriores (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS [2015]; BUREAU OF EDUCATION AND CULTURAL AFFAIRS, [2015c]).

A política de intercâmbios educacionais consolida-se como uma ferramenta da diplomacia pública estadunidense com a criação do Programa Fulbright, em 1946. O programa surgiu da campanha do então senador estadunidense J. William Fulbright, que havia estudado na Inglaterra como bolsista de um programa não governamental. Através da *Public Law 79-584*, também conhecida como Fulbright Act, o Departamento de Estado era autorizado a firmar acordos com governos estrangeiros e financiar intercâmbios culturais e acadêmicos com moedas estrangeiras, adquiridas por meio da venda de equipamentos de guerra (CUMMINGS, 2003).

⁴⁴ Do original: “America’s security depended on its ability to speak to and to win the support of people in other countries”

Em 1948, essa política governamental de intercâmbios é expandida com o estabelecimento do *International Visitor Leadership Program* (IVLP). O IVLP convidava profissionais, intelectuais e formadores de opinião nas esferas pública e privada para visitarem os Estados Unidos.

Ambos os programas são vistos, atualmente, como instrumentos básicos da diplomacia pública estadunidense. Juntamente com outros programas de intercâmbio cultural e profissional, eles representam o comprometimento de longo prazo que dos Estados Unidos com as relações bilaterais e são o principal símbolo da diplomacia cultural estadunidense (DOUGLAS; NEAL, 2013).

Por exemplo, o Programa Fulbright possui uma rede de mais de 310 mil alumni⁴⁵ em 160 países, a qual inclui presidentes, ministros do relações exteriores, um secretário geral da ONU e um secretário geral da OTAN. Já o impacto do *International Visitors Leadership Program* é ter formado mais de 335 presidentes e chefes de Estado desde 1940. Dentre os influentes alumni do IVLP estão a atual chanceler da Alemanha, Angela Merkel, a presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, e o atual presidente uruguaio, Tabaré Vázquez. Leonard, Stead e Smewing (2002, p.19) avaliam o impacto do programa como “Considerando-se que cerca de 50 por cento dos líderes da Coalizão Internacional foram uma vez visitantes, este tem de ser a melhor opção do governo”⁴⁶.

Dando continuidade aos esforços estadunidenses de diplomacia pública através do intercâmbio cultural, em 1961 é aprovado no Congresso estadunidense o *Mutual Educational And Cultural Exchange Program Act*, também conhecido como *Fulbright-Hays Act*. Esse novo instrumento legislativo tinha o propósito de permitir ao governo dos Estados Unidos promover a compreensão mútua entre os cidadãos estadunidenses e estrangeiros por meio de intercâmbios culturais e educacionais. Para fortalecer os laços entre os Estados Unidos e outros países e “contribuir para uma vida mais pacífica e frutífera para as pessoas ao redor do mundo”, o governo tornava-se financiador de programas de intercâmbio educacional para estadunidenses e estrangeiros, de programas culturais (como tours internacionais de artistas estadunidenses) (UNITED STATES CODE, 1961). Seguindo esses direcionamentos da diplomacia cultural estadunidense, em 1961, o *Bureau of Educational and Cultural Affairs* (ECA) é estabelecido para

⁴⁵ <http://www.fulbright.hu/fulbright-in-numbers/>

⁴⁶ Do original: “Considering that some 50 percent of the leaders of the International Coalition were once exchange visitors, this has got to be the best buy in the government”

gerenciar os programas de intercâmbio cultural e educacionais, além de outras iniciativas nesse âmbito (BUREAU OF EDUCATIONAL AND CULTURAL AFFAIRS, [2015c]).

Atualmente os programas do ECA abrangem iniciativas no âmbito da diplomacia cultural, diplomacia esportiva, ensino de inglês, pesquisa acadêmica, empreendedorismo, formação de jovens líderes, formação de jovens profissionais, dentre outros. Conforme o foco da agenda da política externa americana em alinhamento com a conjuntura internacional, programas de intercâmbio são criados, reformulados ou descontinuados.

Cita-se como exemplo a criação de programas voltados para jovens de países de maioria muçulmana no contexto pós 11/09 como instrumento de diplomacia pública. O exemplo mais destacado nesse cenário é o *Kennedy-Lugar Youth Exchange and Study (YES) program*, criado em outubro de 2002, como resposta aos atentados terroristas ocorridos em solo estadunidense no ano anterior (DOUGLAS; NEAL, 2013).

3.3 A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL POR TRÁS DOS INTERCÂMBIOS EDUCACIONAIS

Construir vínculos de longa duração com populações estrangeiras não é uma atividade rentável financeiramente no curto prazo. Esse lado da diplomacia pública demanda investimentos em intercâmbios e anos para trazer ganhos reais para a política externa do país. Assim, o papel do governo como financiador de tais programas de intercâmbio é fundamental.

A fim de analisar os programas de intercâmbio e a correlação deles com a política externa estadunidense, é relevante compreender os objetivos e a missão tanto do ECA, que promove tais programas quanto do Departamento de Estado dos Estados Unidos, que a supervisiona. Segundo a página oficial, a missão desse departamento é promover um mundo pacífico, justo, democrático e próspero criando condições de progresso e estabilidade que beneficiem não apenas os estadunidenses como o mundo inteiro (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 2015).

Para concretizar tal missão, o Departamento de Estado desmembra suas funções entre diferentes subsecretarias, agências e escritórios que servem como seu corpo corporativo. A *Under Secretary for Public Diplomacy and Public Affairs* coordena as ações de diplomacia pública do país, englobando comunicação (voltada para estrangeiros e estadunidenses), programas culturais, bolsas de estudos, intercâmbios educacionais, programas de visitantes

internacionais. Ademais, as ações da Subsecretaria buscam oferecer um suporte ideológico contra o terrorismo (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 2015).

O *Bureau of Educational and Cultural Affairs* (ECA) está inserido na *Under Secretary for Public Diplomacy and Public Affairs* servindo aos objetivos da diplomacia pública estadunidense. Como mencionado na sua missão, o ECA busca, por meio de intercâmbios culturais e educacionais, promover a mútua compreensão entre os cidadãos estadunidenses e os cidadãos de outros países com o objetivo de contribuir para consolidação de relações pacíficas (BUREAU OF EDUCATIONAL AND CULTURAL AFFAIRS, [2015c]). Assim, as percepções do governo estadunidense sobre a conjuntura internacional e sobre a sua própria imagem no cenário internacional moldam a formulação dos programas de intercâmbio promovidos pelas agências do governo.

Como mencionado por Nye (2004a), nesse contexto de Era da Informação conquistar as mentes e corações das populações tem uma relevância única. A educação internacional serve a esse propósito, uma vez que os estudantes que estudam num determinado país tendem a desenvolver uma imagem positiva dele e no futuro podem desenvolver parcerias com ele, atuando diretamente na esfera da política internacional, ou indiretamente promovendo a boa imagem dessa nação.

Nesse sentido, a imersão na cultura estadunidense proporcionada por um programa de intercâmbio educacional permite aos estudantes internacionais vivenciarem ativamente as instituições base da sociedade estadunidense – como liberdade de expressão e a democracia. Assim, a educação internacional torna-se para os Estados Unidos um dos mais valiosos recursos de poder brando.

Percebe-se que o governo estadunidense emprega tal visão a respeito da relevância que programas de intercâmbio possuem para o fortalecimento das relações entre nações no seu relatório de posicionamento para a África. No documento intitulado *U.S. strategy toward Sub-Saharan Africa*, o presidente Obama destaca que o continente africano possui grande importância para assegurar a segurança e a prosperidade internacional, comprometendo-se a destinar esforços para o fortalecimento das instituições democráticas e diversificar o crescimento econômico da região.

Visando a construir parcerias para a consolidação de instituições democráticas e favoráveis a ao comércio internacional, o governo estadunidense delimita como prática

empoderar a próxima geração de líderes africanos. Segundo o governo, tal parceria deve ser estendida para além do âmbito intergovernamental, aprofundando-se também as relações entre cidadãos, empresas e instituições dos Estados Unidos e dos países da região.

Como parte dessa política para a África, foi instituída pelo presidente Obama em 2012 a *Young African Leaders Initiative* (YALI), que sob a responsabilidade do *Bureau of Educational and Cultural Affairs* e da *USAID* e com o apoio de outras agências governamentais já conduziu 15 programas de intercâmbio direcionado a jovens líderes africanos. Até o momento mais de 1.600 estudantes e pesquisadores da África Subsaariana já se engajaram em programas de intercâmbio educacional e cultural no âmbito dessa iniciativa. O governo prevê dobrar o número de vagas ofertadas por esse programa até 2016 (DEPARTMENT OF STATE, 2015).

Dessa forma, demonstra-se a importância atual desempenhada pelos programas de intercâmbio educacional para a política externa dos Estados Unidos. Compreender as o impacto que tais programas tem nos participantes permite avaliar o desenvolvimento futuro das relações internacionais dos Estados Unidos com outras nações.

4 ANÁLISE DE PROGRAMAS DE INTERCÂMBIOS DOS ESTADOS UNIDOS: O IMPACTO DOS PROGRAMAS EM INDIVÍDUOS BRASILEIROS

A terceira parte dessa pesquisa tem como objetivo apresentar um estudo de caso analisando dois programas de intercâmbio direcionados a jovens brasileiros que são conduzidos pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos e pela Embaixada dos EUA no Brasil. Esse estudo de caso é baseado nos *surveys* online aplicados com os ex-participantes dos programas Jovens Embaixadores e *Study in the U.S. Institutes for Student Leaders* (SUSI) e estudo sobre experiência transcultural conduzido por Watson e Lippitt em 1958.

4.1 O ESTUDO DE WATSON E LIPPITT: A BASE PARA A ANÁLISE DE IMPACTO PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO EM INDIVÍDUOS

O estudo conduzido por Watson e Lippitt, em 1958, buscava avaliar o impacto de programas de intercâmbio nas percepções dos indivíduos a respeito tanto do seu país de origem quanto a respeito do país anfitrião. A descrição e análise desse estudo é relevante para essa pesquisa pois serviu de base para a elaboração dos *surveys* aplicados aos participantes brasileiros dos programas de intercâmbio Jovens Embaixadores e *Study in the U.S. Institutes for Student Leaders*.

No estudo conduzido pelos autores, o objetivo era analisar o impacto de uma experiência transcultural (intercâmbio) na mudança de atitude dos indivíduos. Para analisar tal impacto os pesquisadores selecionaram um grupo de 29 alemães que participaram de um programa de intercâmbio conduzido pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos e o departamento de ciência política da University of Michigan, entre 1949 e 1951. Os participantes foram submetidos a questionários e entrevistas em três momentos: logo após chegarem aos Estados Unidos, pouco antes de deixarem o país e, por fim, cerca de seis meses após terem retornado para a Alemanha. Os participantes desse estudo permaneceram nos Estados Unidos por um período entre seis meses e um ano.

Watson e Lippitt (1958) apresentam no estudo o termo de perspectiva transnacional como uma orientação prévia que os indivíduos possuem em relação ao outro país e que é regida por um quadro de referência nacional.

A situação de um país vis-a-vis o outro focaliza a atenção sobre certas áreas na quais os visitantes podem concordar que é desejável aprender com o país anfitrião e outras áreas em que eles preferem evitar aceitar a influência de seus anfitriões. Podemos chamar essa orientação que deriva da situação de um país em relação a outro de perspectiva transnacional⁴⁷ (WATSON; LIPPITT, 1958, p.62).

Ou seja, quando os indivíduos são expostos a uma nova cultura por meio de um intercâmbio, eles a observam inicialmente uma base de dados e percepções que foi construída em seu país de origem. “Talvez a proposição mais geral que podemos sugerir é que os visitantes estrangeiros se aproximam de uma nova cultura a partir do ponto de vista da antiga.”⁴⁸ (WATSON; LIPPITT, 1958, p.61).

A perspectiva transnacional favorece dois tipos de mudança no indivíduo. Em um primeiro nível, a perspectiva transnacional beneficia o aprendizado de novas maneiras de implementar valores que são comuns ao país de origem do intercambista e ao país anfitrião. “Por exemplo, os visitantes alemães que conhecemos colocavam um alto valor no individualismo. Eles sentiram que esse valor foi partilhado pelos estadunidenses, e, conseqüentemente, eles estavam dispostos a aprender com os estadunidenses como serem individualistas com mais êxito.”⁴⁹ (WATSON; LIPPITT, 1958, p.62).

Outra forma na qual a perspectiva transnacional favorece o aprendizado é quando o país anfitrião é percebido pelos intercambistas como uma fonte relevante de conhecimento em determinadas áreas (WATSON; LIPPITT, 1958). O aprendizado de novos valores e pontos de vista durante o intercâmbio ocorre mais facilmente quando os valores são comuns entre os dois países e quando o país anfitrião é visto como legítimo.

[...] A aprendizagem é facilitada quando o país anfitrião tem alguma contribuição a dar para a maximização dos valores dos visitantes, e a aprendizagem é bloqueado em áreas onde os valores do país anfitrião são incompatíveis com, ou ameaçam, os valores dos visitantes. Esta linha geral de análise parece implicar que a continuidade é mais importante do que a mudança; que as pessoas que viajam ao exterior aprendem coisas

⁴⁷ Do original: “The situation of one country vis-a-vis the other focuses attention on certain areas in which the visitors can agree that it is desirable to learn from the host country and other areas in which they prefer to avoid accepting influence from their hosts. We may call this orientation which derives from the situation of one country in relation to another a cross-national perspective.”

⁴⁸ Do original: “Perhaps the most general proposition we can suggest is that foreign visitors approach a new culture from the point of view of the old.”

⁴⁹ Do original: “For example, the German visitors whom we knew placed a high value on individualism. They felt that this value was shared by Americans, and consequently they were willing to learn from Americans how to be more successfully individualistic.”

que sua cultura preparou-lhes para aprender, e não qualquer outra coisa ⁵⁰(WATSON; LIPPITT, 1958 p.62).

Assim, o conceito de perspectiva transcultural apresentado pelos pesquisadores propõe que os participantes de programas de intercâmbio educacionais sofrem mudanças que podem ser a adoção de novos valores, implementação de novos valores, adoção de um posicionamento favorável ao país anfitrião e deslocamento cultura original. Para os autores, é no retorno ao país de origem que o impacto do soft power do país anfitrião consolida-se.

Watson e Lippitt (1958) sequenciam as fases de mudança de atitude do indivíduo em quatro momentos. O primeiro deles é a chegada do indivíduo no país anfitrião do intercâmbio, nesse caso, os Estados Unidos. Nesse momento o indivíduo carrega consigo estereótipos e concepções a respeito do país anfitrião que são baseados na sua perspectiva transnacional. Ademais, suas percepções a respeito dos dois países tendem a ser polarizadas.

As diferenças entre o país dos visitantes e do país de acolhimento tendem a ser definido em termos de preto e branco. Durante este período, os alemães estavam dizendo abertamente que seu país era superior, enquanto evidências indiretas indicam que eles realmente viam os Estados Unidos como superior e a Alemanha como inferior⁵¹ (WATSON; LIPPITT, 1958, p.64).

Na segunda fase, o indivíduo começa, gradualmente, a mergulhar na cultura do país anfitrião, deixando de lado percepções estereotipadas. Nesse momento, o intercambista adquire novas ideias e pontos de vista, mas sem se comprometer com eles.

A terceira e a quarta fase de mudança de atitude do indivíduo são de assimilação e teste, que devem ocorrer quando o indivíduo já retornou ao seu país de origem. Na terceira fase, o indivíduo reorganiza seu padrão de valores assimilando as novas ideias e percepções adquiridas durante o intercâmbio.

Enquanto que na quarta fase, os novos valores e visões adquiridos no estrangeiro são postos em prática pelo indivíduo na sua cultura local buscando identificar se eles são adaptáveis a

⁵⁰ Do original: “[...] learning is facilitated when the host country has some contribution to make to the maximization of the visitors’ values, and learning is blocked in areas where the values of the host country are incompatible with, or threatening to, the values of the visitors. This general line of analysis would seem to imply that continuity is more important than change; that individuals who travel abroad learn the things which their culture has prepared them to learn, and not anything else.”

⁵¹ Do original: “Differences between the visitors’ country and the host country tend to be defined in terms of black and white. During this period the Germans were saying overtly that their country was superior, while indirect evidence indicated that they actually saw America as superior and Germany as inferior.”

essa realidade. Se esses novos valores e visões forem compatíveis com a realidade local do indivíduo, é provável que eles sejam mantidos.

Se o novo padrão foi elaborado na cultura onde ele será usado, é provável que se prove satisfatório, e as mudanças que começaram durante a viagem podem ser consolidadas e ampliadas algum tempo após o retorno para casa. Por outro lado, uma pessoa que colheu uma grande quantidade de novas ideias, mas ainda não as assimilou realmente podem olhar como um *non-changer* no momento da partida e ainda, no longo prazo, pode vir a ser uma das pessoas muda⁵² (WATSON; LIPPITT, 1958, p.65; grifo nosso).

Watson e Lippitt notaram que apesar dessa visão sequencial da mudança do indivíduo como resultado de uma experiência transcultural, as alterações tomadas quando o indivíduo deixa o país anfitrião são índices pouco confiáveis sobre o que se seguirá. Assim, segundo o estudo “[...] Uma pessoa que mostra uma grande mudança no momento da partida pode não ser capaz de sustentar a mudança após chegar em casa.”⁵³ (WATSON; LIPPITT, 1958, p.65).

Os autores notaram que quanto mais tempo os intercambista haviam passado nos Estados Unidos, maior era a tendência de que as mudanças ocorridas durante o intercâmbio fossem revertidas. Os indivíduos que realizaram um intercâmbio durante 12 meses enfrentavam maiores dificuldades para se readaptarem ao seu país de origem, e assim, revertiam muitas das mudanças feitas durante o intercâmbio para conseguir assimilar novamente a sua cultura local. Em contrapartida, os intercambistas que passavam até seis meses no país anfitrião tendiam a manter as mudanças realizadas durante o intercâmbio pois conseguiam mesclá-las com os valores e ideias do seu país de origem, readaptando-se com maior facilidade.

É válido ressaltar que a interação intercultural – ou seja, a interação entre a cultura de origem do indivíduo e a cultura do país anfitrião - não tende a alienar o indivíduo da sua própria cultura, mas sim tende a dotá-lo de novas perspectivas sobre ela. Quando os intercambistas retornaram ao seu país de origem, esse período de reajuste a cultura local foi acompanhado por uma visão inicial negativa a respeito do próprio país. Além disso, os intercambistas descreveram um sentimento de inquietamento e de um afastamento dos demais locais por não compartilharem

⁵² Do original: “If the new pattern has been worked out in the culture where it will be used, it is likely to prove satisfactory, and change which began during the period of travel can be consolidated and expanded for some time after return home. On the other hand, a person who has collected a lot of new ideas but has not yet really assimilated them may look like a non-changer at time of departure and yet, in the long run, may turn out to be one of the people who change the most.”

⁵³ Do original: “[...] a person who shows a great deal of change at time of departure may not be able to sustain the change after he gets home.”

de opiniões sobre os Estados Unidos (país anfitrião), sobre a Alemanha (país de origem) e sobre questões globais.

Contudo, esse sentimento de afastamento não era acompanhado por uma desafeição ao seu país de origem, “[...] os visitantes que retornaram ainda se sentiam leais à Alemanha e queriam viver e trabalhar na Alemanha”⁵⁴ (WATSON; LIPPITT, 1958, p.65). Ainda assim, uma parte dos indivíduos deixou o país de origem pouco tempo após seu retorno, “Entrevistas com as pessoas ainda na Alemanha demonstraram um significativo aumento, após o retorno para casa, no interesse pelo serviço diplomático.”⁵⁵(WATSON; LIPPITT, 1958, p.65).

Na época em que o estudo foi conduzido nem o termo soft power nem a atual definição de diplomacia pública existiam. Contudo, conforme as análises e descobertas dos autores é possível considerar que o estudo conduzido teve como um de seus resultados uma avaliação do soft power gerado por tais experiências transculturais (intercâmbio) nos indivíduos.

Os indivíduos que participaram de intercâmbios sofreram mudanças comportamentais previsíveis, mostrando-se mais favoráveis aos valores cosmopolitas e aos valores do país anfitrião. A percepção transcultural do intercambista favorece o aprendizado de novos valores, os quais o participante assimila no contexto da sua própria cultura; em fases de tempo durante e após o intercâmbio; e conforme sua localização geográfica (se no país anfitrião ou no país de origem).

4.2 OS PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO JOVENS EMBAIXADORES E O *STUDY IN THE U.S. INSTITUTES (SUSI) FOR STUDENT LEADERS: HISTÓRICO.*

Conforme o discurso de Christopher Ross, diplomata estadunidense, a diplomacia pública de um país oferece suporte para a diplomacia tradicional – que envolve negociações com governos – através da comunicação com audiências não governamentais. Como a diplomacia pública trabalha de forma coordenada e paralela à diplomacia tradicional, as embaixadas possuem um papel fundamental para traçar estratégias e explorar a comunicação com a audiência local,

⁵⁴ Do original: “[...] the returned visitors still felt loyal to Germany and wanted to live and work in Germany”

⁵⁵ Do original: “Interviews with the people still in Germany showed a sharp rise after returning home in interest in the diplomatic service. This seemed to be one of the few techniques by which they could both serve Germany and leave Germany.”

“[...] Isso implica que as embaixadas devem planejar estratégias de diplomacia pública para todas as principais questões das quais tratam - e explorar os ângulos de comunicação para todas as suas atividades”⁵⁶ (LEONARD; STEAD; SMEWING, 2002, p.12).

Realizando um estudo de caso em relação ao impacto dos intercâmbios promovidos pelo governo dos Estados Unidos como um instrumento da diplomacia pública do país e geradores de soft power, serão analisados dois programas de intercâmbio, o Jovens Embaixadores e o *Study in the U.S. Institutes (SUSI) for Student Leaders*. Ambos os programas são promovidos pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos com o apoio da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil.

4.2.1 O Programa *Study in the U.S. Institutes for Student Leaders*

O Programa *Study in the U.S. Institutes (SUSI)* possui duas vertentes, uma destinada ao intercâmbio de professores universitários (*SUSI for Scholars*) e outra destinada ao intercâmbio de estudantes universitários (*SUSI for Student Leaders*). O programa voltado para o intercâmbio de professores ocorre a mais tempo, contudo é mais limitado no número de participantes e no número de tópicos abordados.

Focando essa análise no *SUSI for Student Leaders*, tem-se a descrição oficial do programa disponível no site do ECA

Study of the U.S. Institutes (SUSIs) for Student Leaders são programas acadêmicos de cinco a seis semanas para jovens líderes universitários. Hospedado por instituições acadêmicas estadunidenses em todo os Estados Unidos, o Student Leader Institute inclui uma residência intensiva acadêmica, desenvolvimento de liderança, visitas de estudo, atividades de serviço à comunidade local e uma oportunidade única para os participantes ⁵⁷(BUREAU OF EDUCATIONAL AND CULTURAL AFFAIRS, [2015d]).⁵⁸

Assim, entende-se que o objetivo do programa é captar jovens universitários de mais de 30 nacionalidades para estudarem durante um breve período de tempo (5-6 semanas) em instituições estadunidenses. Os estudantes são alocados em grupos de, em média, 20 estudantes

⁵⁶ Do original: “[...] this implies that embassies must plan public diplomacy strategies for all of the main issues they deal with – and explore the communications angles of all their activities”

⁵⁷ Do original: “Study of the U.S. Institutes (SUSIs) for Student Leaders are five-to-six-week academic programs for foreign undergraduate leaders. Hosted by U.S. academic institutions throughout the United States, the Student Leader Institutes include an intensive academic residency, leadership development, an educational study tour, local community service activities and a unique opportunity for participants to get to know their American peers.”

⁵⁸ <http://exchanges.state.gov/non-us/program/study-us-institutes-student-leaders>

por *institute* e estudam apenas com outros participantes do programa. Na sua maioria, os institutos reúnem estudantes de quatro ou mais países.

Ao todo, o programa oferece nove tópicos de estudo (*institutes*), são eles:

- a) Engajamento cívico (*civic engagement*);
- b) políticas públicas comparadas (*comparative public policy*);
- c) questões ambientais globais (*global environmental issues*);
- d) jornalismo e novas mídias (*journalism and new media*);
- e) elaboração de políticas públicas locais, estaduais e federais (*local, state, and federal public policymaking*);
- f) pluralismo religioso nos estados unidos (*religious pluralism in the united states*)
- g) empreendedorismo social (*social entrepreneurship*)
- h) história e governo dos estados unidos (*u.s. history and government*)
- i) liderança feminina (*women's leadership*).

Cada *institute* destina-se a um determinado grupo de países que tem um vínculo com o tópico de estudo abordado pelo programa. Por exemplo, o programa *SUSI for Student Leaders on Religious Pluralism in the United States* reúne estudantes de países de maioria muçulmana, como Indonésia, Malásia, Egito, Líbano, Iraque, Turquia, além da Malásia, país de maioria cristã. O programa busca explorar a história, a sociedade e as instituições estadunidense no contexto do pluralismo religioso existente no país.

Nesse caso, considerando os estudos de Watson e Lippitt (1958), essa experiência deve provocar mudanças nos indivíduos, pois busca coloca-los em contato direto com valores culturais e religiosos diferentes dos experimentados em seus países de origem. O programa discute tópicos sensíveis, e que em muitos casos ainda são tabus ou que são razão de conflito nos países de origem dos participantes, como

Os tópicos incluem, mas não estão limitados a, tradições religiosas iniciais nos EUA; a separação entre Igreja e Estado; imigração e a introdução de novas religiões nos EUA; proteção e representação dos grupos minoritários e religiões; e diálogo inter-religioso e a cooperação em um mundo diversificado e em rápida transformação ⁵⁹(BUREAU OF EDUCATIONAL AND CULTURAL AFFAIRS, [2015d]).

⁵⁹ Do original: "Topics include, but are not limited to, early religious traditions in the U.S.; the separation of church and state; immigration and the introduction of new religions in the U.S.; protection and representation of minority groups and religions; and interfaith dialogue and cooperation in a diverse and rapidly changing world."

Outro exemplo que ilustra claramente esse impacto que os *institutes* buscam ter nos valores e nas percepções dos participantes é o *SUSI for Student Leaders on Women's Leadership*. Esse *institute* ocorre simultaneamente em quatro universidades dos Estados Unidos e congrega estudantes universitárias de 24 países nos quais a mulher ainda ocupa uma posição inferior na sociedade, dentre eles, Egito, Iraque, Afeganistão, Turcomenistão, Paquistão, Índia, Sudão.

Os Institutos se concentram em duas áreas principais: (1) desenvolvimento de habilidades de liderança dos participantes em áreas como pensamento crítico, comunicação, tomada de decisão e habilidades gerenciais; e (2) colocar essas habilidades no contexto da história e da participação das mulheres na política estadunidense, na economia, na cultura e na sociedade. Os programas também examinam o progresso das mulheres na história nacional em direção à igualdade nos Estados Unidos, os atuais sucessos nacionais e desafios para mulheres em uma variedade de campos, e os atuais desafios globais das mulheres⁶⁰(BUREAU OF EDUCATIONAL AND CULTURAL AFFAIRS, [2015d]).

Os estudantes brasileiros participam, desde 2008, do *SUSI for Student Leaders on U.S. History and Government*. Em anos anteriores, apenas professores participavam do programa através da iniciativa *SUSI for Scholars*. Entre 2008 e 2013, quando o programa passou por modificações, anualmente entre 18 e 20 estudantes brasileiros frequentavam um *institute* a respeito da história e do governo dos Estados Unidos exclusivo para brasileiros. A partir de 2014, buscando redução de custos e maior interação entre participantes brasileiros e de outros países latino-americanos que participavam do mesmo *institute*, mas em outras universidades estadunidenses, os participantes brasileiros – agora em menor número – estudam com particip antes da Argentina, do Chile e do Uruguai.

O programa *SUSI for Student Leaders on U.S. History and Government*, reúne participantes de todos os países da América Latina para discutir a história, as instituições e o governo dos Estados Unidos. É interessante notar que praticamente todos os países envolvidos no programa passaram por períodos de ditaduras militares no século passado, necessitando reformular suas instituições poucas décadas atrás. Muitos desses países, como Argentina, Brasil, Paraguai e Bolívia, passaram (ou passam) por governo de orientação centro-esquerda.

Ao final do programa os participantes se reúnem em Washington e visitam além de monumentos históricos e museus, o Capitólio, centro da política representativa do país. Além

⁶⁰ Do original: “The Institutes focus on two major areas: (1) Developing participants’ leadership skills in areas such as critical thinking, communication, decision-making and managerial abilities; and (2) Placing these abilities in the context of the history and participation of women in U.S. politics, economics, culture and society. The programs also examine women’s historical domestic progress toward equality in the United States, the current domestic successes and challenges to women in a variety of fields, and current challenges in global women’s issues.”

disso, é realizado um *evaluation* do programa, momento no qual os estudantes relatam a experiência para funcionários do Departamento de Estado dos Estados Unidos envolvidos na organização do programa.

Desde 2014, estudantes brasileiros participam também do *SUSI for Student Leaders on Global Environmental Issues*, juntamente com participantes da Rússia, China, Japão e Turquia. O programa que ocorre anualmente no Havaí, e "[o Instituto] examina a relação entre a segurança ambiental e segurança nacional e explora questões ambientais no contexto de uma sociedade globalizada, fazendo comparações entre os Estados Unidos e países de origem dos participantes"⁶¹(BUREAU OF EDUCATIONAL AND CULTURAL AFFAIRS, [2015d]).

Assim, desde 2008 mais de 100 estudantes universitários brasileiros já participaram do programa de intercâmbio *SUSI for Student Leaders*. Além de assistirem aulas especiais sobre o tópico do *institute* com professores locais, os alunos participam de atividades de liderança, realizam trabalho voluntário em ONGs locais e visitam diferentes pontos do país. O objetivo primordial do programa é aproximar os jovens dos Estados Unidos e promover uma base informacional que permite uma análise a respeito do país.

Durante cinco semanas, esses estudantes brasileiros realizam um programa de imersão na cultura, na sociedade e nos valores estadunidenses, que, na maioria dos casos analisados, gera transformações nas suas percepções corroborando com a pesquisa de Watson e Lippitt (1958). O fato de que o programa *SUSI for Student Leaders* é uma forma de promover a compreensão mútua entre os países e compartilhar valores e ideais, o coloca no âmbito da diplomacia pública estadunidense, servindo como uma caminho para a consolidação de soft power pelos Estados Unidos.

4.2.2 O Programa Jovens Embaixadores

O Programa Jovens Embaixadores⁶², também conhecido como *Youth Ambassadors*, surgiu, em 2002, por iniciativa da então embaixadora dos Estados Unidos para o Brasil, Donna

⁶¹ Do original: “[the Institute] examines the relationship between environmental security and national security and explores environmental issues in the context of a globalized society, drawing comparisons between the United States and the participants’ home countries.”

⁶² Tendo em vista que tanto a nomenclatura em inglês quanto em português são utilizadas formalmente pela Embaixada dos Estados Unidos, opta-se por utilizar o nome em português a fim de evitar grifos recorrentes no texto.

Hrinak. Com o objetivo de oferecer uma oportunidade a jovens brasileiros de baixa renda, com excelente currículo acadêmico e engajamento social, de conhecerem os Estados Unidos.

Até o momento a Embaixada possuía programas de ensino de inglês aos jovens de baixa renda além de outras atividades culturais conduzidas localmente com o auxílio dos centros binacionais. O Programa Jovens Embaixadores surge como uma forma de ir além dessas iniciativas e levar esses jovens para estudarem por três semanas nos Estados Unidos.

Como os participantes são estudantes dos últimos anos do ensino médio, em sua maioria entre 16 e 18 anos de idade, o programa conta com um acompanhamento constante. Os jovens entram em contato com a cultura estadunidense ainda no Brasil. Durante uma semana, antes do embarque para os Estados Unidos, os participantes passam por treinamentos, palestras e discussões a fim de prepara-los para a experiência e minimizar o choque cultural.

Diferentemente do Programa *Student Leaders*, onde os participantes ficam alojados juntos em hotéis ou em dormitórios da universidade, os participantes do Jovens Embaixadores são distribuídos por diferentes partes do território estadunidense e permanecem por três semanas na casa de famílias locais. Outra diferença entre os programas, é que os jovens embaixadores frequentam aulas em escolas regulares, convivendo diariamente com estadunidenses e sendo expostos a cultura local permanentemente.

Após as três semanas de aulas e engajamento em projetos de voluntariado, os jovens embaixadores são reunidos em Washington D.C para um momento de *evaluation* do programa. Segundo o estudo de Watson e Lippitt (1958), o final do intercâmbio é o momento em que os participantes internalizam valores e ideias do país anfitrião e preparam-se para testá-los no seu país de origem a fim de concluir se serão sustentáveis na sua realidade local. Assim, esse momento de avaliação final do intercâmbio ainda nos Estados Unidos serve como início desse processo de percepção e manutenção dos valores adquiridos durante a experiência transcultural.

Além de relatarem as experiências, os jovens participam de visitas aos centros da política estadunidense. Em todas as edições do programa os participantes participaram de encontros com importantes figuras políticas dos Estados Unidos como os ex-Secretários de Estado Hilary Clinton e Collin Powel, a ex-primeira-dama Laura Bush e a atual primeira-dama Michele Obama.

Os resultados do Programa Jovens Embaixadores mostraram-se tão positivos que posteriormente a oportunidade foi expandida para outros países latino-americanos, como Argentina, que também passaram a enviar estudantes de ensino médio para programas nos

mesmos moldes desse. “O programa Jovens Embaixadores, criado pela Embaixada dos Estados Unidos no Brasil em 2002, se expandiu, estabelecendo importantes parcerias, servindo como base para outras iniciativas, atravessando fronteiras, e tem sido citado como boa-prática no Departamento de Estado. Até 2011, havia sido replicado em outros 25 países.”⁶³(U.S.... [2015]).⁶⁴ O Jovens Embaixadores tornou-se um programa de mão dupla. Em 2010, foi criado o *U.S. Youth Ambassadors*, programa no qual estudantes estadunidenses - com perfil semelhante aos jovens embaixadores brasileiros – passam três semanas no Brasil estudando em escolas regulares, realizando apresentações sobre o país e se engajando em projetos de voluntarismo.

O Programa Jovens Embaixadores é considerado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos como uma ponte para aproximar os dois países e permitir uma compreensão mútua das diferentes culturas. O impacto do programa Jovens Embaixadores no Brasil é notável, reunindo uma rede de mais de 350 alumni e, na edição de 2016, serão mais 50 estudantes brasileiros que farão parte do programa.

Atualmente, além da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, o Programa Jovens Embaixadores também conta com o apoio de multinacionais como FedEx, MSD, Microsoft, IBM, Banco Bradesco e Boeing. Algumas dessas empresas recrutam estagiários e trainees dentre os jovens embaixadores. O programa conta também com o apoio Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED).

Conforme indicado pela pesquisa de Watson e Lippit (1958), muitos dos participantes do programa de intercâmbio entrevistados pelos autores acabaram deixando seu país de origem após retornarem do intercâmbio, alguns retornando aos Estados Unidos, país anfitrião. De forma semelhante, existem vários casos de jovens embaixadores que retornam para os Estados Unidos após o programa para participarem de *summer schools*, cursarem graduação ou participarem de outros intercâmbios.

Dessa forma, o programa Jovens Embaixadores busca promover a aproximação entre os países. Através do intercâmbio, os jovens brasileiros imergem na cultura e na sociedade estadunidense, criando um ambiente de compreensão mútua entre os dois países e provocando transformações nas percepções dos participantes.

⁶³ Do original: “The Youth Ambassadors Program, created by the U.S. Embassy in Brazil in 2002, has expanded, established important partnerships, served as a basis for other initiatives, crossed borders, and been cited as a best practice at the State Department. As of 2011, has been replicated in 25 other countries.”

⁶⁴ <http://www.embaixada-americana.org.br/ya-index.php?action=materia&id=9215&submenu=ya-materia.php&itemmenu=10>

4.3 IMPACTO DOS PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO: RESULTADOS DO *SURVEY* APLICADO AOS JOVENS EMBAIXADORES E AOS *STUDENT LEADERS*

Entre setembro e outubro de 2015, o *survey* reproduzido como apêndice A desse trabalho foi distribuído aos participantes brasileiros dos programas de intercâmbio Jovens Embaixadores e *SUSI for Student Leaders*. A distribuição do *survey* foi feita através de quatro grupos que reúnem os alumni desses programas na rede social Facebook. O *survey* foi disponibilizado em meio eletrônico utilizando a plataforma *Google forms*. O público alvo-estimado era de 400 alumni que participaram do programa Jovens Embaixadores, *SUSI for Student Leaders* ou de ambos.

Ao total, 28 jovens entre 18 e 30 anos responderam o *survey online*. Os participantes são alumni do programa de intercâmbio Jovens Embaixadores ou do programa *SUSI for Student Leaders*. Dois dos entrevistados participaram de ambos os programas de intercâmbio.

Do total de alumni entrevistados, a maioria (24 participantes) realizou sua primeira viagem aos Estados Unidos através de um programa de intercâmbio educacional promovido pelo Departamento de Estado e pela Embaixada dos Estados Unidos no Brasil. Outros quatro alumni já haviam viajado aos Estados Unidos antes de participarem de um dos programas. Como o programas Jovens Embaixadores tem como pré-requisito que o participante nunca tenha estado nos Estados Unidos anteriormente, todos os alumni que afirmaram ter visitado o país antes do programa, eram participantes do *SUSI for Student Leaders*.

Quando questionados sobre as razões que motivaram sua inscrição em um dos programas de intercâmbio, a resposta mais recorrente, sendo mencionada por quinze participantes, foi a oportunidade de conhecer ou aprofundar seus conhecimentos a respeito do país. Doze participantes mencionaram a vontade de conhecer e interagir com a cultura estadunidense foi uma motivação para a sua inscrição. Assim, nota-se que os participantes possuem um perfil aberto a novas culturas e valores, facilitando a criação de um ambiente favorável a troca e a compreensão mútua entre as culturas.

O tempo de permanência desses estudantes nos Estados Unidos variou de três – participantes do programa Jovens Embaixadores - a cinco semanas – participantes do programa *SUSI for Student Leaders*. Entretanto, constatou-se que essa variação no tempo de permanência

no país não afetou as respostas dos participantes, sendo que estas foram bastante similares entre os alumni dos dois programas avaliados.

Ao serem questionados se o intercâmbio havia contribuído para uma aproximação com a cultura estadunidense, um total de 27 participantes respondeu positivamente. Ou seja, como havia sido indicada por muitos participantes, uma das principais motivações era a interação com a cultura estadunidense, e a maioria deles obteve isso através do intercâmbio.

Para ser possível avaliar se a experiência proporcionada pelo intercâmbio modificou as percepções dos participantes, conforme identificado no estudo de Watson e Lippitt (1958), é fundamental entender qual era a visão dos participantes a respeito dos Estados Unidos antes de embarcarem para o país. Assim, os participantes foram questionados sobre quais eram as suas percepções dos Estados Unidos antes de participarem dos programas de intercâmbio.

Hollywood, cinema e filmes foram citados por seis participantes como fonte de suas preconcepções a respeito dos Estados Unidos antes do intercâmbio. Nesse ponto ficam evidenciado os argumentos de Halliday (2001) sobre a influência da mídia e do cinema como fonte de disseminação da cultura estadunidense e sua ampla abrangência. Cinco participantes relataram que não tinham percepções a respeito do país antes do intercâmbio. Um participante respondeu apenas que possuía uma visão prévia positiva a respeito do país. Outro participante apenas mencionou que sua percepção pré-intercâmbio sobre os Estados Unidos é de que era um país sem muitos problemas.

Contudo, algumas respostas contestaram a validade dessa visão a respeito dos Estados Unidos baseada em Hollywood. Os participantes que citaram que sua visão baseava-se em filmes estadunidense reconheceram-na como estereotipada. Esse ponto corrobora com a visão de Kim (2011), Leonard, Stead e Smewing (2002) e NYE (2004a) de que a mídia transmite os valores do país de forma rasa e difusa, não constituindo um recurso uniforme de soft power.

As percepções dos participantes antes de realizarem o intercâmbio dividiam-se em grupos: as percepções sobre os indivíduos e a constituição da sociedade estadunidense e as percepções a respeito da estrutura material do país. No âmbito das percepções sociais, o consumismo foi o aspecto mais citado pelos participantes, sendo abordado por sete dos vinte e três participantes possuíam visões prévias a respeito do país. A maioria dos intercambistas já possuía a preconcepção de que a sociedade estadunidense era baseada em um “consumo excessivo”. Outras preconcepções a respeito da sociedade incluíam aspectos como o individualismo, a “frieza nas

relações interpessoais”, a obesidade, a cultura puritana e a religiosidade, a segregação racial e a diversidade cultural.

Em relação a estrutura do país, muitos tinham como preconcepção o desenvolvimento econômico, a “alta infraestrutura”, a segurança, a qualidade da educação e a riqueza. Dois dos participantes também citaram que possuíam uma percepção do país como grande potência imperialista.

Buscando compreender se e como o intercâmbio alterou as percepções dos estudantes, os participantes foram convidados a refletirem sobre essas percepções prévias que possuíam a respeito dos Estados Unidos e destacar quais delas eles conseguiram confirmar durante a experiência no país e quais não. A percepção cultural foi uma resposta recorrente entre os participantes, sendo citada em treze respostas. Essa percepção cultural comprovada durante o intercâmbio foi associada a aspectos como consumismo, diversidade cultural, divisão racial e religiosidade. A religiosidade e o conservadorismo foram as percepções que os intercambistas citaram frequência como resposta para essa pergunta. Do total, onze participantes mencionaram ao menos uma dessas percepções. Esses aspectos, quando comprovados na prática pelos participantes, contribuíram para aumentar a visão positiva que já possuíam a respeito do país, evocando o soft power através da beleza e do brilhantismo inspirado pelo país.

Contudo, os participantes também comprovaram na prática algumas percepções que exerceram um efeito negativo na sua visão dos Estados Unidos. Muitos relataram o consumismo como sendo exagerado e passaram a levantar questões a respeito do modelo econômico no qual a sociedade está baseada e qual o espaço para a sustentabilidade ambiental nesse modelo. A comprovação da presença marcante na sociedade estadunidense também gerou uma reação negativa nos participantes.

A segregação racial e o racismo foi um aspecto que marcou a percepção de seis estudantes a respeito do país. Essa foi uma das principais percepções que os participantes relataram ter sido modificada através do intercâmbio. Dois participantes já tinham uma preconcepção da sociedade estadunidense como dotada de racismo e segregação racial, outros foram surpreendidos pela presença dessa estrutura social nos Estados Unidos. Como citado por Nye (2004b), a política de segregação racial, presente até os anos 1950, diminuía o soft power dos Estados Unidos diante de algumas populações estrangeiras. Conforme os dados obtidos

através do *survey*, a segregação e o racismo ainda figuram como aspectos que reduzem o soft power dos Estados Unidos, por serem valores contrários aos dos intercambistas.

O intercâmbio também serviu para dotar os estudantes de novas perspectivas a respeito do país. Através da vivência local, dois estudantes relataram terem quebrado a ideia de que os estadunidenses eram “frios”, sendo surpreendidos com a receptividade dos cidadãos locais. Esse aspecto impactou positivamente na visão que os jovens possuíam do país, pois desconstruiu uma preconceção negativa a respeito da sociedade estadunidense.

Ao retornar para o Brasil, após o intercâmbio vinte e cinco participantes disseram terem passado a questionar aspectos da sociedade brasileira. Tal dado corrobora com os resultados obtidos na pesquisa de Watson e Lippitt a respeito do impacto de experiências transculturais nas percepções dos indivíduos. A experiência de intercâmbio oferece aos participantes novos valores e novas maneiras de aplicar os valores que já possuíam, muitas vezes levando-os a questionarem os aspectos do seu país de origem.

Os principais pontos levantados pelos participantes foram o sistema de ensino, mencionado em dezessete respostas, e o sistema político brasileiro – citado por seis participantes. Ambos quando comparados aos sistemas estadunidenses passaram a ser considerados inferiores, menos desenvolvidos ou de menor qualidade. Essa comparação despertou nos jovens uma admiração e inspiração pelos modelos de ensino e de governo dos Estados Unidos.

Nesse ponto cabe o argumento do brilhantismo de Vuving (2009), o qual evoca o soft power por meio da admiração. Muitos participantes passaram a admirar os Estados Unidos pela sua excelência acadêmica, pela presença forte do voluntarismo na sociedade e pela noção de trabalho duro como caminho para prosperar na vida.

Ao tornarem-se alumni de programas de intercâmbio vinculados a Embaixada dos Estados Unidos ou ao Departamento de Estado, os estudantes passam a ser convidados para participarem dos eventos promovidos pela missão diplomática dos EUA no Brasil. Dentre eles estão o Alumni Day, projeto no qual os alumni desenvolvem atividades voluntárias em suas cidades no dia nacional do voluntariado (29 de agosto) e a U.S.-Brazil Exchange Alumni Summit, que reuniu em Brasília participantes de diversos programas de intercâmbio apoiados pelo governo estadunidense. Esses eventos contribuem para a manutenção dos laços criados entre os participantes e o país anfitrião, além de servirem de espaço para os estudantes manterem contato com os valores e percepções adquiridos durante o intercâmbio. Do total de entrevistados,

dezenove mantiveram o contato com os Estados Unidos, participando de algum evento promovido pela Embaixada ou pelos consulados do país no Brasil.

Ao serem defrontados com a pergunta a respeito do impacto que o programa de intercâmbio teve nas suas vidas, 21 participantes relataram, basicamente, que a experiência impactou sua visão de mundo, sua visão sobre os Estados Unidos ou sua perspectiva cultural. Ou seja, os programas cumpriram seus papéis como instrumentos da diplomacia pública do país, e ampliando as percepções dos estudantes, contribuíram para a geração de soft power pelos Estados Unidos.

Os estudantes comentaram que ao poder conhecer os Estados Unidos por uma ótica mais próxima, passaram a conhecer os problemas do país e adorem posturas diferentes em relação a determinados tópicos. Os intercambistas perceberam que o programa apresentou o país sob uma perspectiva crítica e isso lhes gerou uma impressão positiva. Conforme, defendido por Nye (2008), quando o país é apresentado de forma crítica, expondo suas falhas, o seu soft power é legitimado. Muitos estudantes também citaram que o programa mudou a sua perspectiva em relação ao Brasil, fazendo referência então ao impacto gerado por uma experiência transcultural nas percepções do indivíduo observado no estudo de Watson e Lippitt (1958). Ainda em comum com os resultados observados no estudo de Watson e Lippitt (1958), os dados do *survey* demonstraram que alguns participantes passaram a considerar mais seriamente seguirem carreira diplomática – vista como uma forma de sair do país, mas ainda assim servi-lo.

Ademais, o intercâmbio serviu para aumentar a autoconfiança dos participantes. Sete estudantes citaram que participar de um dos programas serviu de estímulo para buscarem outras oportunidades, pois passaram a acreditar na sua capacidade pessoal. Outros dois mencionaram o impacto do contato com outras realidades e um dos participantes mencionou que o programa o tirou da sua “zona de conforto”. A experiência também foi responsável por criar amizades, possibilitar networking e conhecer aspectos culturais de outras partes do Brasil, uma vez que os participantes são de regiões diversas do país. Quatorze participantes citaram ao menos alguns desses três aspectos na sua avaliação a respeito do impacto do programa nas suas vidas.

Assim, quando questionados se indicavam o programa para amigos, a ampla maioria – 27 estudantes - respondeu positivamente argumentando que é que uma oportunidade de ter contato direto com a cultura estadunidense, de experimentar uma nova realidade que desafie as concepções que se tem a respeito dos Estados Unidos, e que possui um grande impacto positivo

na vida dos participantes permitindo o crescimento pessoal. Após o programa, a ampla maioria – 23 participantes- dos participantes também afirmou ter incentivado outras pessoas a visitarem os Estados Unidos.

Por fim, a grande maioria dos participantes (25 respostas no total) do programa Jovens Embaixadores e o programa SUSI *for Student Leaders* relatou querer retornar aos Estados Unidos após a experiência. Muitos deles descreveram serem gratos ao país pela oportunidade.

Na imagem a baixo são sintetizadas as respostas dos participantes as perguntas objetivas do *survey*. As questões foram baseadas no estudo de Watson e Lippit a fim de identificar se as percepções e valores dos participantes foram alterados como resultado do intercâmbio.

Questão		Programa de Intercâmbio			
		Jovens Embaixadores		SUSI <i>for Student Leaders</i>	
		SIM	NÃO	SIM	NÃO
Respostas					
A primeira vez que você visitou os EUA foi por meio de um programa de intercâmbio?		8	0	16	4
O programa contribuiu para você se aproximar da cultura estadunidense?		7	1	20	0
Ao retornar para o Brasil, você passou a questionar algum aspecto da sociedade brasileira?		5	2	19	1
Você participa de eventos organizados pela Embaixada/consulados dos Estados Unidos?		5	2	13	7
Você já divulgou esse programa para amigos, colegas ...?		7	0	19	1
Após retornar do intercâmbio, você incentivou outras pessoas a visitarem os Estados Unidos?		6	1	16	4
Você gostaria de retornar aos Estados Unidos?		6	1	20	0

Tabela 1 – Quadro comparativo das respostas objetivas do *survey* – 2015

Fonte: Adaptado dos dados do *survey*.

Conforme dados da Embaixada, vários participantes dos programas acabam retornando para os Estados Unidos para participarem se *summer schools*, cursarem graduação ou realizarem outros intercâmbios acadêmicos. Em alguns desses casos, os estudantes retornam aos Estados Unidos por meio de programas ligados ao ECA e a Fulbright.

Dessa forma, através dos *surveys* foi possível analisar na prática os impactos dos intercâmbios educacionais como instrumento da diplomacia pública dos Estados Unidos, contribuindo para que jovens brasileiros ampliassem suas perspectivas e construíssem laços duradouros com o país. Foi possível também identificar nas respostas dos participantes as três moedas que evocam o soft power, conforme Vuving (2009), a benevolência, a beleza e o brilhantismo.

5 CONCLUSÃO

No primeiro capítulo desse trabalho foram abordados dos conceitos de diplomacia pública e cultural, que servem de base para a argumentação teórica da pesquisa. Em seguida, foi apresentada a relação entre intercâmbios e políticas governamentais de soft power, nas quais inclui-se a diplomacia pública. Por último, foram discutidos os dados obtidos através do *survey* aplicado aos participantes dos programas Jovens Embaixadores e *SUSI for Student Leaders*.

Levando em consideração o objetivo dessa pesquisa de analisar intercâmbios educacionais como recurso para o soft power dos Estados Unidos, concluiu-se que os intercâmbios educacionais são um dos instrumentos da diplomacia pública de um país. Ademais, tem-se que a diplomacia pública é um meio para a implementação de recursos de soft power pelo país e a diplomacia cultural é uma parte disso.

Os intercâmbios educacionais são um dos instrumentos utilizados por um país para, através da diplomacia pública, promover a compreensão mútua entre os países e construir vínculos com as populações estrangeiras a fim de gerar um ambiente internacional favorável aos seus interesses. Os intercâmbios educacionais geram efeitos no longo prazo, diferentemente de outros instrumentos da diplomacia pública, como a mídia.

A pesquisa também teve como objetivo analisar o impacto de tais programas educacionais na percepção que os participantes têm do país anfitrião (Estados Unidos) e do seu próprio país (Brasil). Através da aplicação de um *survey* online aos ex-participantes do programa Jovens Embaixadores e do *Study in the U.S. Institutes for Student Leaders* buscou-se compreender as modificações geradas pelo intercâmbio nas percepções individuais. Conforme descrito por Nye (2008, p105), os instrumentos da diplomacia pública devem ter sua efetividade medida pelo número de mentes que transformam, “A eficácia da diplomacia pública é medida por mentes alteradas (como mostrado em entrevistas ou sondagens), não dólares gastos ou bens de consumo”⁶⁵.

Devido às dificuldades encontradas na aplicação do *survey* – baixa taxa de respostas e respostas com baixo grau de argumentação, as conclusões desse trabalho não são passíveis de generalizações, restringindo-se a um estudo de caso a respeito do programa Jovem Embaixadores

⁶⁵ Do original: “The effectiveness of public diplomacy is measured by minds changed (as shown in interviews or polls), not dollars spent or slick production packages.”

e do SUSI *for Student Leaders*. Contudo, a análise das respostas obtidas através do *survey* possibilitou traçar relações com a geração de soft power.

Foram identificadas nas 28 respostas dos participantes traços que indicavam as três moedas de poder – benevolência, brilhantismo e beleza, que Vuving (2009) argumenta que evocaram o soft power. Para muitos dos jovens entrevistados, o programa de intercâmbio representou a primeira oportunidade que tiveram de visitar os Estados Unidos. O fato de essa primeira oportunidade ter sido oferecida por um programa vinculado ao governo estadunidense e com apoio da embaixada do país no Brasil contribui também para uma percepção de benevolência. Em algumas das respostas os participantes se disseram gratos pela oportunidade, percebendo o esforço do país anfitrião em dispender de tempo e recursos para forjar relações com eles.

O brilhantismo foi observado nas respostas dos participantes através da sua admiração, principalmente, pelo sistema educacional do país. Já a percepção de beleza, evocada pelos valores compartilhados entre as culturas, foi, segundo as 28 respostas obtidas, reduzida nos participantes dos programas. Através do intercâmbio os indivíduos aumentaram a sua percepção em relação ao racismo e a segregação racial e ao consumismo presentes na sociedade estadunidense.

Através das respostas foi possível também identificar o argumento apresentado por Kim (2011), Leonard, Stead e Smewing (2002) e NYE (2004a) de que a mídia transmite os valores do país de forma rasa e difusa, não constituindo um recurso uniforme de soft power.. Alguns dos participantes reconheceram que sua concepção dos Estados Unidos baseava-se apenas no seu contato prévio principalmente com filmes estadunidenses.

Considerando que a maioria dos participantes relatou no *survey* que o programa de intercâmbio contribui para sua aproximação com a cultura estadunidense e lhe permitiu ampliar suas percepções e conhecimentos a respeito do país, é possível verificar empiricamente o argumento de Nye (2004a; 2008; 2010) e de Leonard, Stead e Smewing (2002) de que intercâmbio é uma ferramenta eficiente da diplomacia pública por permitirem um contato mais profundo com a cultura, política e valores do país anfitrião.

Tendo em vista que, a diplomacia pública busca a compreensão mútua entre os países e aproximação cultural, é notável a atuação que tais programas têm como recurso desse tipo de diplomacia para o país. Contudo, o baixo índice de respostas coletadas através do *survey*, não é

possível generalizar as percepções a respeito do impacto do programa Jovens Embaixadores e *Study in the U.S. Institutes for Student Leaders* nos indivíduos participantes.

Os dados obtidos para esse trabalho, apesar de terem permitido traçar a relação entre intercâmbios, diplomacia pública e soft power através das percepções dos indivíduos, não foram suficiente para que todas as questões nesse tema fossem respondidas. Uma coleta de dados primários conduzida de forma mais extensiva seria necessária para poder compreender de maneira mais generalizada os impactos dos programas nas percepções individuais. Bem como, mais dados permitiriam traçar um paralelo entre o tempo decorrido entre o final do intercâmbio e a aplicação do *survey* a fim de compreender se a variação de tempo altera as percepções.

A realização de entrevistas de forma a complementar a aplicação do *survey* permitiria uma compreensão melhor a respeito das percepções dos participantes contornando respostas vagas obtidas apenas com o *survey* online. Uma visão mais aprofundada a respeito dos impactos do intercâmbio nos participantes seria possível caso entrevistas em profundidade fossem utilizadas como metodologia principal.

Espera-se que essa pesquisa contribua com estudos mais aprofundados a respeito do impacto de programas de intercâmbio nas percepções individuais e sua validade como recurso gerador de soft power. Busca-se contribuir também para uma maior inserção de pesquisas que abordem o indivíduo no campo das Relações Internacionais e que utilizem *surveys* na sua metodologia.

REFERÊNCIAS

AGOSTINELLI, Margarita Alexandra Coppi. Cultural diplomacy and the concept of the Other. In: **THE INTERNATIONAL CONFERENCE ON CULTURAL DIPLOMACY & THE UN**, 2012, New York; Washington D.C. Disponível em: <http://www.culturaldiplomacy.org/academy/content/pdf/participant-papers/2012-02-uncd/Cultural_diplomacy_and_the_concept_of_the_Other-__Margarita_Alexandra_Coppi_Agostinelli.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2015.

BUREAU OF EDUCATIONAL AND CULTURAL AFFAIRS - ECA. **Secretary Kerry's Remarks on International Education Week**. 2013. Disponível em: <<https://alumni.state.gov/secretary-kerrys-remarks-international-education-week-2013/transcript>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

_____. **About Fulbright**. [2015a]. Disponível em: <<http://eca.state.gov/fulbright/about-fulbright>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

_____. **Heads of State/Government**. [2015b]. Disponível em: <<http://eca.state.gov/fulbright/fulbright-alumni/notable-fulbrighters/heads-stategovernment>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

_____. **History and Mission**. [2015c]. Disponível em: <<http://eca.state.gov/about-bureau/history-and-mission-eca>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

_____. **Study in the U.S. Institutes for Student Leaders**. [2015d]. Disponível em: <<http://exchanges.state.gov/non-us/program/study-us-institutes-student-leaders>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

CHAKRABORTY, Kishore (Ed.). **Dicionário de Diplomacia Cultural**. Berlin: Center for Cultural Diplomacy Studies, 2013.

DEPARTMENT OF STATE. **Congressional Budget Justification: Fiscal Year 2016**. 2015. Disponível em: <<http://www.state.gov/documents/organization/236395.pdf>>. Acesso em 02 jul. 2015.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. **Política de boa vizinhança**. [2015]. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos3037/RelacoesInternacionais/BoaVizinhanca>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

CULL, Nicholas J.. **Public Diplomacy: Lessons from the Past**. Los Angeles: Figueroa Press, 2009. (CPD perspectives on public diplomacy). Disponível em:

<<http://uscpublicdiplomacy.org/sites/uscpublicdiplomacy.org/files/legacy/publications/perspectives/CPDPerspectivesLessons.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2015.

CUMMINGS, Milton C.. **Cultural Diplomacy and the United States Government: A Survey**. Washington, D.c: Center For Arts And Culture, 2003.

DOUGLAS, Walter; NEAL, Jeanne. **Engaging the Muslim World: Public Diplomacy after 9/11 in the Arab Middle East, Afghanistan, and Pakistan**. New York: Rowman & Littlefield, 2013. 36 p. Disponível em:

<http://csis.org/files/publication/131011_Douglas_EngagingMuslimWorld_Web.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2015.

GULLION, Edmund A.. **What is public diplomacy?** Disponível em: <<http://fletcher.tufts.edu/Murrow/Diplomacy>>. Acesso em: 20 set. 2015.

HALLIDAY, Fred. **The World at 2000**. London: Palgrave, 2001.

INTERNATIONAL Students in the United States. [2015]. Disponível em: <<http://www.iie.org/Services/Project-Atlas/United-States/International-Students-In-US>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

INSTITUTE FOR CULTURAL DIPLOMACY - ICD. **Cultural Diplomacy Outlook 2011**. Berlin, 2012. Disponível em: <http://www.cd-n.org/index.php?en_cd-outlook-2011_content>. Acesso em: 10 ago. 2015.

KIM, Hwajung. **Cultural Diplomacy as the Means of Soft Power in an Information Age**. 2011. Disponível em: <http://www.culturaldiplomacy.org/pdf/case-studies/Hwajung_Kim_Cultural_Diplomacy_as_the_Means_of_Soft_Power_in_the_Information_Age.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2015.

LANGHORNE, Richard. The Diplomacy of Non-State Actors. **Diplomacy & Statecraft**, v. 16, n. 2, p.331-339, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09592290590948388#.VdAAKbJViko>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

LEONARD, Mark; STEAD, Catherine; SMEWING, Conrad. **Public Diplomacy**. London: The Foreign Policy Centre, 2002. 183 p. Disponível em: <<http://fpc.org.uk/fsblob/35.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2015.

MELISSEN, Jen. The New Public Diplomacy: Between Theory and Practice. In: MELISSEN, Jan (Ed.). **The New Public Diplomacy: Soft Power in International Relations**. New York: Palgrave Macmilliam, 2005. p. 03-27.

NYE, Joseph. **Bound to Lead: The Changing Nature of American Power**, New York: Public Affairs: 1990.

_____. **Soft Power:** The means to success in world politics. New York: Public Affairs: 2004a.

_____. Soft Power and Higher Education. In: **The internet and the university:** Forum 2004. New York: Educause, 2004b. p. 33-60. Disponível em: <<https://net.educause.edu/ir/library/pdf/ffpiu043.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

_____. Soft Power and American Foreign Policy. **Political Science Quarterly**, v. 119 n.2, p. 255-270, 2004c. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20202345>>. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. Public Diplomacy and Soft Power. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 616 n.1, p. 94-109. Mar. 2008. Disponível em: <<http://ann.sagepub.com/content/616/1/94.full.pdf+html>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

_____. **Soft Power and Cultural Diplomacy.** 2010. Disponível em: <<http://publicdiplomacymagazine.com/soft-power-and-cultural-diplomacy/>>. Acesso em: 6 dez. 2014.

PELLS, Richard H.. **Not like us:** how europeans have loves, hated and transformed American culture since World War II. New York: Basic Books, 1997.

SAEKI, Chizuru. The perry centennial celebration: a case study in u.s.-japanese cultural diplomacy. **International Social Science Review**, Washington, v. 80, n. 3-4, p.137-150, May 2005. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41887233?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 25 out. 2015.

PUBLIC Diplomacy. In: DICTIONARY of international relations terms. Washington D.C.: Dept. of State Library: 1987.

TAYLOR, A.J.. **The struggle for Mastery in Europe, 1848-1918.** London: Oxford Paperbacks, 1971.

UNITED STATES. The White House. **U.S. Strategy toward sub-Saharan Africa.** 2012. Disponível em: <<http://www.state.gov/documents/organization/209377.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

UNITED STATES. Department of State. **Under Secretary for Public Diplomacy and Public Affairs.** [2015]. Disponível em: <<http://www.state.gov/r/>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

UNITED STATES CODE. Decreto nº 87-256, 75 Stat. 527, de 23 de janeiro de 1961. **Mutual Educational And Cultural Exchange Program.** Washington D.C. , Disponível em: <<http://www2.ed.gov/about/offices/list/ope/iegps/fulbrightsact.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

U.S. Youth Embassadors. [2015]. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/ya-index.php?action=materia&id=9215&submenu=ya-materia.php&itemmenu=10>>. Acesso em: 25 out. 2015.

VUVING, Alexander L.. How soft power works. In: AMERICAN POLITICAL SCIENCE ASSOCIATION ANNUAL MEETING, 2009, Toronto. **Annals...** Honolulu: Apss, 2009. p. 1 - 20. Disponível em: <[http://www.apss.org/Publications/Vuving How soft power works APSA 2009.pdf](http://www.apss.org/Publications/Vuving%20How%20soft%20power%20works%20APSA%202009.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2015.

WATSON, Jeanne; LIPPITT, Ronald. Cross-cultural experience of attitude change 1. **Journal Of Conflict Resolution**, p. 61-66. Mar. 1958. Disponível em: <http://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/66888/10.1177_002200275800200107.pdf?sequence=2>. Acesso em: 18 jul. 2015.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIOS PARTICIPANTES

1. Nome:

2. Idade:

3. Instituição de Ensino/Estado:

4. Escolaridade:

5. Profissão:

6. Caso você trabalhe atualmente, em qual desses setores você atua?

- Público
- Privado
- Terceiro setor

7. De quantos programas de intercâmbio vinculados à Embaixada dos EUA você já participou?

(Considere como intercâmbios APENAS os programas que envolveram visitas aos EUA em programas vinculados à embaixada)

8. Qual o nome do último programa de intercâmbio do qual você participou?

- Student Leaders (SUSI)
- Jovens Embaixadores
- International Visitor Leadership Program (IVLP)
- Fulbright Foreign Language Teaching Assistant (FLTA)
- Outro

9. Em que ano você participou desse programa?

10. Quanto tempo durou esse programa?

- Quatro semanas
- Cinco semanas
- Seis semanas
- Outro

11. A primeira vez que você visitou os EUA foi por meio de um programa de intercâmbio?

12. Por que você decidiu participar desse programa de intercâmbio?

(Qual foi a sua principal motivação para se inscrever no programa do qual você participou?)

13. O programa contribuiu para você se aproximar da cultura estadunidense?

14. Ao embarcar para os Estados Unidos você possuía alguma concepção prévia sobre país?

O que?

15. Quais dessas concepções foram confirmadas durante o intercâmbio?

(Quais das expectativas que você tinha a respeito do país (cultura, religião, valores morais, infraestrutura, padrão de consumo ...) se confirmaram?)

16. Quais não se confirmaram?

17. Quais foram os aspectos positivos e negativos desse programa?

18. Ao retornar para o Brasil, você passou a questionar algum aspecto da sociedade brasileira?

(Ex.: modelo de governo, sistema de ensino, valores morais ...)

19. Se sim, quais aspectos?

(Reflita sobre esses aspectos sobre os quais você passou a se questionar e como eles estão relacionados com a sua vivência nos EUA)

20. Você participa de eventos organizados pela Embaixada/consulados dos Estados Unidos?

(Ex.: Alumni Day, Alumnus to Advocate, Alumni Summit)

21. Você já divulgou esse programa para amigos, colegas ...? Por que?

22. Após retornar do intercâmbio, você incentivou outras pessoas a visitarem os Estados Unidos?

23. Você gostaria de retornar aos Estados Unidos?

24. Por favor, comente como esse programa impactou na sua vida.